Aveiro, 25 de Junho de 1960 • Ano Sexto • Número 296

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

Situação alarmante da INDÚSTRIA SALINEIRA

EM 21 de Maio último, o Litoral *publicou um artigo, muito sensato, sobre a precária situação dos marnotos da nossa Ria. Nele se advogava a revisão do preço do sal, fixado há já seis anos em 200$00 por tonelada e manifestamente desactualizado hoje, dadas as inúmeras modificações, ali apontadas, que agravaram o custo da produção.*

As entidades responsáveis mandaram proceder, no ano passado, a estudos sobre a matéria. Desconhecemos os elementos de que se serviram e as conclusões a que chegaram; mas podemos garantir que o preço de 200$00 por tonelada há muito deixou de ser compensador. No artigo do Litoral *demonstra-se, irrefutàvelmente, que ele não corresponde já às bases que o determinaram.*

O Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo sabe-o perfeitamente. O Relatório *da gerência de 1959 informa que, em Agosto desse ano, foi apresentada ao Senhor Secretário do Comércio uma exposição, no sentido de se obter um aumento de $10 em cada quilo de sal. Acrescenta, porém, que, não obstante as diligências efectuadas pela Direcção do Grémio, tem de reconhecer-se com mágoa que todas foram improfícuas.*

Porquê?

Não é verdade que o custo da produção se agravou espantosamente? Por que se nega ao sal das nossas marinhas a revisão de preços que se tem concedido a outros produtos mais compensadores? Por que se recusa ao árduo trabalho dos marnotos do Salgado de Aveiro a remuneração que de direito lhes pertence? A quem cabe a responsabilidade da tremenda injustiça?

O problema é muito sério e a ninguém é lícito ignorá-lo ou preteri-lo: há que resolvê-lo com urgência e com acerto.

Abstemo-nos, por agora, de reproduzir e glosar os argumentos, escrupulosamente exactos e decisivos, invocados no artigo do Litoral *a que nos reportamos. Queremos apenas referir, e muito ràpidamente, outros que ali se omitiram.*

Sabe-se que o último Inverno causou nas marinhas do Salgado de Aveiro estragos importantíssimos, que obrigaram a reparações grandemente dispendiosas. Com isso não sofreram apenas os proprietários, mas também os marnotos; mesmo nos casos em que não houve perdas ou quebras na produção, sempre os marnotos tiveram um notável acréscimo do seu já tão violento trabalho.

À exiguidade da produção de algumas das últimas safras, somaram-se os prejuízos resultantes de uma incompreensível demora nas tiradas do sal e

Continua na página 2

COMEÇOU há dias a quadra estival. Com os prenúncios da canícula — quem houve por aí que não antegozasse a repousante serenidade do campo ou a frescura da praia? E se o íncola da beira-mar se não admira já com a invasão garrida dos veraneantes, o nativo de menos devassadas paragens, fiel à simplicidade dos seus usos seculares, arregala os olhos de espanto quando lhe surge pela frente um qualquer vilegiaturista. Também no rosto gracioso da pequena Margarida, se reflectiu o espanto — e a desconfiança... — ao surpreender no seu pequeno mundo da Testada um estranho ser dum mundo para ela ignorado...

Foto do Desembargador Melo Freitas

Um problema de iconografia
AVEIRO NO CULTO DA RAINHA SANTA

PELO DR. SOARES DA GRAÇA

NO precioso estudo do Professor Doutor António de Vasconcelos — *Evolução do Culto de D. Isabel de Aragão*, 1894, — diz-nos o sábio historiador e eminente mestre universitário, que foi sem dúvida um dos mais minuciosos e autorizados biógrafos da Rainha Santa, que era fervoroso o culto que prestavam, no Convento de Jesus, à excelsa esposa de D. Dinis, sem contudo se fazer qualquer alusão a práticas religiosas expressivas desse culto. Não poderá ser, decerto, estranha ao facto a circunstância de ter dado entrada no Mosteiro, ingressando na sua comunidade e sendo dela ornamento de relevo, a virtuosa madre Clara da Silva, que a Princesa Santa trouxe consigo do Convento de Santa Clara de Coimbra, quando, pelos anos de 1485 a 1486, ali esteve recolhida, fugindo à peste que então grassava na região aveirense. Contudo, numa das capelas do velho Convento de Jesus, ainda pode admirar-se hoje uma imagem de Santa Isabel, que se nos apresenta envolta nas vestes de freira clarista, dando esmola a um pobre que se vê prostrado a seus pés. Mas o culto da Rainha Santa em Aveiro não foi confinado às paredes do velho Convento de Jesus: anualmente, na imponente Procissão das Cinzas, figura uma imagem de Santa Isabel, Rainha de Portugal, vendo-se também representada, num quadro em tela que faz parte duma série deles, expostos na formosa sacristia da igreja de Santo António. E o *Inventário Artístico do Distrito de Aveiro*, magnífica publicação da autoria do erudito arqueólogo Rev.º Nogueira Gonçalves, revelou-me uma outra escultura da Rainha Santa, do século XVII, estofada a ouro e cores, em que ela nos é representada com as vestes monásticas, apoiando-se no bordão de peregrina e com rosas no regaço, integrada no retábulo da capela-mor da igreja dos Terceiros da cidade; e, com esta, eu posso contar já nesta região, o número de oito esculturas, figurando, desta forma, a virtuosa esposa do nosso Rei Lavrador, o que merece especial registo.

Rainha Santa Isabel — *Escultura do Séc. XVIII, exposta na capela de S. Francisco, da igreja de Águeda*

★

Com este mesmo assunto prende-se um curioso problema iconográfico, cuja solução foi dada agora em definitivo no citado *Inventário*, a propósito duma escultura do século XVIII exposta na capela de São Francisco da igreja de Águeda e que, embora tida sempre como sendo da Rainha Santa, era referida num manuscrito daquela época como Santa Rosa de Viterbo, o que levou a indicá-la também assim em es-

Continua na página 2

A Homenagem dos Aveirenses ao DR. VALE GUIMARÃES

Em sucinta nota publicada no último número deste jornal, tivemos já o ensejo de acentuar o significado da grandiosa homenagem, prestada por numerosíssimos aveirenses de todo o Concelho, ao sr. Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães, na penúltima quinta-feira, dia em que solenemente lhe foi entregue, nos Paços do Concelho, a «Medalha de Ouro da Cidade», galardão máximo com que o Município reconheceu e premiou os serviços prestados pelo homenageado no decurso da sua actuação como Chefe do Distrito. A seguir damos, como prometemos, mais desenvolvida notícia do acontecimento, sinceramente lastimando não nos ser possível transcrever na íntegra as brilhantes orações dos srs. Drs. Alberto Souto, Luís Regala e Marques da Graça.

Ainda que a homenagem ao antigo Governador Civil de Aveiro se houvesse inicialmente confinado ao Concelho, a verdade é que, de todo o Distrito e de vários pontos do País, muitas foram as pessoas que a ela se associaram.

Pelas 15 horas do dia 16, o sr. Dr. Vale Guimarães, acompanhado da comissão popular promotora da homenagem, dirigiu-se à Câmara Municipal, saudado pelas aclamações de quantos se postaram ao longo do trajecto. À sua entrada no edifício, as palmas redobraram, enquanto se ouviam os acordes do Hino de José Estêvão e ao ar subiam girândolas de foguetes e morteiros.

Nas imediações e escadarias dos Paços do Concelho, o povo aglomerava-se de envolta às deputações das colectividades locais, cujos estandartes imprimiram ao acto uma nota de colorido e alegria.

O sr. Dr. Vale Guimarães foi ali recebido pelo Presidente do Município e Vereação Municipal e cumprimentado pelas individualidades oficiais.

Realizou-se, depois, no salão nobre, uma luzida sessão solene, a que presidiu o actual Chefe do Distrito, sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, que se fez ladear pelo homenageado e pelos srs.: Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal; Coronel José Rodrigues Ricardo, Comandante Militar; Dr. Carlos Vilas-Boas do Vale, Juiz de Direito; Coronel Gaspar Ferreira, Presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro; Comandante Pires Cabral, Capitão do Porto de Aveiro; Dr. Querubim do Vale Guimarães, pai do homena-

Continua na última página

Situação alarmante da Indústria Salineira

Continuação da primeira página

de um injustificado sistema de pagamentos.

Uma grande parte do sal, que poderia ter-se escoado prontamente se não se invadissem os mercados nortenhos com a produção de outros salgados, manteve-se nas eiras até muito tarde. Daí resultaram, além de outros inconvenientes, o de possibilitar a multiplicação dos furtos. Melhor se esclarecerá este ponto com um exemplo: Em fins de Março e em meados de Maio do ano corrente, os gatunos furtaram, de uma só marinha, mais de 12 toneladas de sal, num valor superior a 2.400$00. O marnoto e o proprietário deram logo conta do facto ao Grémio; mas não se lhes pagou esse sal e ainda hoje não sabemos quem há-de indemnizá-los do prejuízo, só possível pela demora no levantamento do produto.

Os pagamentos fizeram-se tardiamente, em prestações mesquinhas e com grandes intervalos: as primeiras quantias recebidas mal chegaram para os encargos relativos ao amanho, às obras e às contribuições, pouco ou nada sobrando aos marnotos e aos proprietários para as necessidades da sua vida.

Estamos convencidos de que estes e muitos outros problemas, causadores de prejuízos e insatisfações, poderiam ser estudados mais conscienciosamente e resolvidos com equidade se na Comissão Reguladora houvesse um representante permanente do Salgado de Aveiro. Não se compreende que num Organismo com competência para zelar os legítimos interesses das actividades salineiras não tenham assento os delegados de Aveiro e da Figueira da Foz — dois importantes salgados do País, com características especiais. A sua colaboração seria sempre útil, e cremos que em muitos casos se torna indispensável.

Mas a situação confrangedora dos marnotos aveirenses exige pronto remédio, que não se compadece com as demoras da reorganização que preconizamos.

Contrariando as previsões do esclarecido articulista do Litoral, *a safra deste ano, pode dizer-se, ainda não principiou. E' certo que os trabalhos preparatórios nas marinhas do Salgado de Aveiro se iniciaram há muito; mas ainda não começou a fabricar-se o sal. O tempo não tem corrido propício e ameaça continuar a não permitir que tão cedo vejamos nas eiras «as primeiras* estrelinhas *de sal».*

A situação causa sérias apreensões: é, de facto, alarmante.

Não se cuidou oportunamente de actualizar o preço do sal, por forma a remunerar com *justiça uma actividade de singular dureza e a prevenir os desequilíbrios provocados pelas safras deficitárias, que infelizmente se têm sucedido.*

Os resultados desta incúria estão à vista: são os importantes prejuízos já sofridos, desde que o preço fixado há seis anos deixou de ser compensador, e os descalabros que parece avizinharem-se — descalabros de consequências funestas para os marnotos, os proprietários e a economia regional, se o tempo continuar a não favorecer a produção e as entidades responsáveis persistirem em não actualizar o preço do produto.

Não se pede qualquer favor, mas apenas um acto de elementar justiça, que de há muito se deveria ter praticado — e que, por certo, o Senhor Secretário do Comércio não recusaria se estivesse na posse dos verdadeiros dados do problema.

Muito naturalmente se espera que a Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos e o Grémio da Lavoura de Aveiro e I'lhavo se apercebam da gravidade da situação e sobre ela se debruçem com o merecido interesse. Há que acudir-lhe sem *delongas e com a reclamada justiça — se é que ainda se chegará a tempo de reparar, de algum modo, os graves prejuízos causados.*

Aveiro no Culto da RAINHA SANTA

Continuação da primeira página

tudos publicados sobre a igreja. Não se sabe a que atribuir a confusão, mas talvez a que Santa Rosa tinha festa própria da Ordem Terceira, e costuma ser representada com coroa e aleada de rosas, como ali se mostra; mas a verdade é que lhe falta um atributo principal — uma imagem de Cristo crucificado na mão, vendo-se ainda, em outras figurações da mesma Santa, obras mais simbólicas que ali não aparecem. E, o que é importante considerar no caso presente, — a coroa de rosas não é atributo exclusivo de Santa Rosa; no Convento de Santa Clara de Coimbra, existe uma tela do século XVIII, que representa a Rainha Santa vestida com o hábito de Santa Clara e coroada de rosas, como se vê na escultura de Águeda, que a autoridade de Nogueira Gonçalves classificou como sendo da Rainha Santa Isabel, confirmando assim a velha tradição popular.

Rainha Santa Isabel — *Escultura do Séc. XVII, em madeira dourada e policromada, no retábulo da capela-mor da igreja de S. Francisco, em Aveiro*

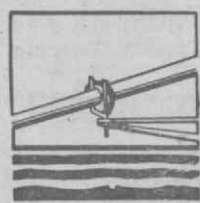
Agora, que vi solucionado com prazer este problema, escrevo estas ligeiras notas justamente na altura do ano em que tão egrégia figura da nossa História atravessou terras do nosso Distrito, como já mais de uma vez o *Litoral* teve ocasião de referir, rematando-as com a recordação da sua passagem, cujo rasto mais se aviva através destas lembranças.

Soares da Graça

Cão Perdigueiro

Apareceu na casa de Oscar Lopes de Oliveira, em Oliveirinha. Entrega-se ao seu dono.

Numa momentosa entrevista,

MANUEL REGALA deu-nos a conhecer os motivos que determinaram a saída dos últimos REMADORES OLÍMPICOS do CLUBE DOS GALITOS

Como na semana finda referimos, deixaram de pertencer às fileiras do Clube dos Galitos os seus últimos e valorosos remadores olímpicos (Manuel da Cruz Regala, João da Silva Cravo e João Ventura Rodrigues da Paula), que este ano formavam a tripulação de um shell de quatro, juntamente com um principiante (Serafim Dias Gamelas) e com o timoneiro Amândio Terrível, que, de igual modo, saíram da prestigiosa Secção Náutica dos alvi-rubros aveirenses.

Porque o acontecimento ganhou, justificadamente, foros de muita sensação no nosso meio desportivo — e tal como no último número do Litoral noticiámos já —, escutámos, sobre o momentoso caso, um dos remadores em foco.

Demos preferência ao atleta que há mais tempo representa o Galitos: MANUEL DA CRUZ REGALA, que, como sempre solícito e amável, prontamente se dispôs a conceder-nos a presente entrevista.

Com 29 anos de idade, Manuel Regala remava desde 1947. Diversas vezes internacional, coube-lhe a honra de representar Portugal na Finlândia (Jogos Olímpicos), na Itália e na França (Campeonatos da Europa), e ainda em diversas provas ibéricas e no famoso Troféu Salazar (na Figueira da Foz). Foi ainda jogador e capitão da equipa de basquetebol do Galitos.

Desportista completo e cumpridor, Regala possui um brilhante palmarés de louvores e outros altos distinções. O nosso entrevistado, pelas suas qualidades e pela sua dedicação à sua colectividade de sempre, recebeu até, em 1955, a primeira Medalha de Mérito Desportivo do Clube dos Galitos; e, caso curioso, compartilha, com os companheiros que agora se afastaram, do mesmo galardão (referente a 1958), atribuído ao shell de quatro que conquistou o célebre e já referido Troféu Salazar, em regata memorável.

As palavras que Manuel Regala nos confiou foram, todas elas, repassadas de um acentuado cunho de verdade, inconformismo, dignidade e compreensão plena do actual momento da vida da Secção Náutica — e deixaram sempre ressumbrar uma intensa tristeza, uma profunda mágoa.

O diálogo com Manuel Regala — um homem da Ria, aberto, franco e leal, como o são todos os bons aveirenses de gema da nossa típica Beira Mar — decorreu com inteira naturalidade, imbuindo-se de permanente interesse para os leitores e mesmo para nós, que, em largos espaços, nos limitámos a ouvir e a arquivar as seguras afirmações daquele conhecido desportista.

Assim sucedeu, logo de início:

— Apesar de reconhecermos que principiávamos já tarde a preparação, acedemos em continuar por mais um ano, como nos solicitaram, porque nos foi dito que o Clube, não possuindo uma equipa capaz para o *shell de quatro, seniores*, necessitava da nossa colaboração. Para a falta do Carlos da Benta, infelizmente impossibilitado de prosseguir, houve que se arranjar um substituto — e a escolha, que recaiu sobre um jovem principiante, foi feita de pleno acordo com Ulisses Naia, ao tempo orientador da Secção Náutica.

E após breve pausa, Regala prosseguiu:

— Embora com sacrifício das nossas vidas particulares, entregámo-nos às sessões de treino com afinco e com vontade, pois proporcionara-se-nos o ensejo, com que sonhávamos, de poder pagar uma dívida para com o Clube: conseguir desforras dos inêxitos do ano passado...

De começo, saímos em *yolle*, para a necessária rodagem do novo colega — e, com franqueza, a equipa encontrava-se prestes a atingir um nível apreciável, pois sentimo-nos com as necessárias forças para puxar!

— Ao que parece — interrompemos então — tudo corria pela melhor forma. Como chegaram as coisas ao presente estado?

— Para a actual e lamentável situação, que profundamente nos traz abatidos e desgostosos, concorreram uma série de circunstâncias bem aborrecidas, sendo preferível nem recordar algumas delas.

E o valoroso voga da tripulação que, desde o dia 7, deixou de pertencer ao Galitos afirmou-nos, completando o seu anterior pensamento:

— Muitos dos actuais atletas nossos companheiros não o sabem ser, com inteira sinceridade, nem pretendem servir o Clube com devotamento e entusiasmo; preferem, antes, servir-se do Desporto, mistificando, assim, a sua própria qualidade de desportistas.

Antigamente — assevero-o com firmeza e com pesar — existia outra camaradem; e todos, em perfeita e completa união, pretendiamos, antes de tudo, prestigiar a nossa bandeira, solvendo, para tanto, qualquer ocasional contrariedade ou incidente. Não havia ressentimentos, não existiam politiquices...

— Se bem compreendemos, vivia-se, nalguns sectores, dentro dum clima desfavorável ao retorno dos chamados «velhos» remadores. Haverá explicação para o facto, e será como a julgamos a actual emergência?

Manuel Regala não tardou na resposta, abrindo-se inteiramente; todavia, e com elogiável lisura de processos, sempre procurou evitar qualquer palavra ou qualquer alusão susceptível de causar melindres e quem quer que fosse.

Disse-nos o nosso entrevistado:

— Assim sucedeu, na realidade! Certos «novos» não gostaram do nosso regresso, convencendo-se de que estávamos ali para lhes tirar o lugar! (Ora nós, como já afirmei e geralmente se sabe, fomos convidados para continuar mais um ano, por não existir uma

Continua na página 4

FUTEBOL

TORNEIO DE COMPETÊNCIA

Terminou, no domingo, a primeira volta do torneio, alçapremando-se o Feirense — campeão de Aveiro — à mais desejada posição, mercê do seu retumbante êxito de domingo.

Na realidade, e se não houver qualquer surpresa até final da prova, os feirenses terão assegurada a subida à II Divisão; ao invés, o Vila Real só por *milagre* se salvará da descida. Uma série de contrariedades de tomo atirou os transmontanos — que, ainda esta época, se cotaram como possuidores de um futebol de excelente nível — para um lugar nada consentâneo com os seus pergaminhos. E, em verdade, causou-nos pena ver, no domingo, a descolorida e pobríssima exibição dos vilarealenses (uma sombra daquela outra equipa que nos oferecera momentos de puro *association*).

Resultados do dia:

TORREENSE, 5 — CERNACHE, 0 e FEIRENSE, 6 — VILA REAL, 0.

Classificação:

1.º-Feirense, 5 pontos; 2.º-Torreense, 4; 3.º-Cernache, 3; 4.º-Vila Real, 0.

Jogos para amanhã:

CERNACHE — VILA REAL (3-1) e TORREENSE — FEIRENSE (1-2),

Continua na página 4

Competições Náuticas

VELA

Nos penúltimos sábado e domingo, 11 e 12 do corrente, efectuaram-se em Faro, numa cuidada organização do Ginásio Clube Naval daquela cidade — que recebeu fidalgamente os concorrentes, caprichando em tratá-los por forma que a todos cativou — regatas de «moths» integrados no programa das Comemorações Henriquinas na capital do Algarve.

As provas, num percurso de 7 milhas, aproximadamente, foram prejudicadas pela falta de vento, que só esteve bom na competição inaugural.

Os velejadores aveirenses tiveram discreta actuação. Importa, no entanto, referir que o actual campeão nacional, Eng.º Mateus Augusto dos Anjos, não contou com o seu barco na primeira regata, devido a avaria.

Vejamos as classificações que os representantes do nosso Distrito obtiveram:

Sporting de Aveiro — 10.º — Eng.º Mateus Augusto dos Anjos, com 36 pontos; 11.º — João Ventura Gamelas, 35; 14.º — Manuel Inocêncio Valente, que não alinhou na regata inaugural.

Ovarense — 12.º — Manuel Pereira Duarte, com 34 pontos; 16.º — Bernardino Silva, 23; 20.º — António Rodrigues de Pinho, 11.

Clube Naval de Aveiro — 17.º — José Luís Archer, 20 pontos; 21.º — Manuel Lopes, 9; 22.º — Dionísio Martins de Brito, 5.

Individualmente, triunfou o antigo campeão nacional, José Nunes, da Associação Desportiva da Brigada Naval, de Lisboa, que totalizou 63,25 pontos.

Por pontos, a vitória pertenceu ao Clube Náutico Mare Nostrum, também de Lisboa.

MOTONÁUTICA

Numa organização do Clube Naval Setubalense, e do Clube Naval de Cascais, com a colaboração do Clube de Vela Atlântico e do Sporting de Aveiro, efectuaram-se em Setúbal, no estuário do Sado, nos passados dias 10 e 11, as provas da primeira jornada do Campeonato Nacional de Motonáutica.

A competição prossegue amanhã, na Caniçada; em 10 de Julho, em Cascais; em 7 de Agosto, em Aveiro (Costa Nova); e finalmente, termina em 11 de Setembro, de novo em Setúbal.

Os *leões* aveirenses fizeram-se representar pelos desportistas Carlos Mendes e seu filho, Carlos Vicente França Marques Mendes — que obtiveram assinaláveis posições, nas respectivas classes (Sport).

Carlos Mendes, incluido no *Grupo D* (motores de 36 a 44 h. p.), foi o segundo, na primeira prova, não tendo concluido a outra regata por ter sofrido um aparatoso acidente, como outros motonautas.

O jovem Carlos Vicente, que competiu no *Grupo B* (motores de 21 a 25 h. p.), obteve dois excelentes primeiros lugares — que, de momento, lhe garantem o segundo posto da classificação geral, apenas com menos quatro pontos que o actual *leader*, João Saguer, do Clube Naval de Cascais.

Hóquei em Patins

Campeonato do Centro

A prova aproxima-se do termo da primeira volta, que concluirá com os jogos que o calendário indica para hoje (Sampedrense - Académica, Galitos - Minas e Sport - Termas).

Nos últimos desafios realizados, apuraram-se estes desfechos:

SPORT, 2 - ACADÉMICA, 3; MINAS, 6 - TERMAS, 5; ACADÉMICA, 7 - GALITOS 4; MINAS, 12 - SPORT, 1; e TERMAS, 5 - SAMPEDRENSE, 2.

De referir: lamentàvelmente, as desagradáveis circunstâncias em que terminou o encontro entre as turmas conimbricenses; e, elogiàvelmente, a réplica viva que o Termas deu nas Minas da Panasqueira, só consentindo na vitória dos campeões mesmo nos últimos instantes da partida.

Académica, 7 — Galitos, 4

Sob arbitragem do sr. José da

Continua na página 4

O PAVILHÃO

— Aveiro terá o seu Pavilhão de Desportos, que será uma realização notável, digna da cidade e apta para servi-la de forma cabal e completa, logo que se conclua a obra!

Assim será, na realidade, se todos os bons aveirenses se quiserem dar as mãos e auxiliar, na medida do que a cada qual seja possível, o grandioso empreendimento a que os dirigentes do jovem e operoso Sporting de Aveiro inteiramente se devotam, em preito de saudosa homenagem e sentida recordação do Homem e do Desportista que primeiro pensou na valiosa prenda que os «leões» aveirenses vão, com certeza, oferecer à sua terra: o Dr. José Clemente.

O Pavilhão vai fazer-se, embora haja ainda muitas dificuldades, muitos óbices a vencer, a ultrapassar. Importa, no entanto, que nunca arrefeça o entusiasmo dos devotados dirigentes sportinguistas e que Aveiro saiba corresponder, como se lhe impõe, quando para isso for solicitada.

O *Litoral* está incondicionalmente ao lado do Sporting de Aveiro neste magno problema, que transcende mesmo o limi-

Continua na página 4

DESPORTOS

Continuações da terceira página

Entrevista com Manuel Regala

tripulação capaz para o *shell de quatro, seniores*... Não impusemos a nossa presença, nem mendigámos que nos chamassem!) Fomos perseguidos por picardias de vária ordem, mas tudo suportámos pacientemente, na certeza de que nos haviam chamado para servir, e de que ainda poderíamos servir e cumprir de cabeça bem alevantada — ganhando ou perdendo, sempre com honra.

Regala parou uns instantes, e, com um nó na garganta e embarga-lhe a voz, continuou:

— Lançaram-nos um repto, os componentes de outro *shell de quatro*, dizendo-nos — mas nunca directamente, frente a frente — acabados, gastos e «velhos», e afirmando-se com possibilidades de sobre nós conseguirem substanciais vantagens... Todavia, e embora insistíssemos num tira-teimas (no caso, regata ou regatas entre ambos), nunca os «novos» quiseram vir medir forças... Seria por que nos temiam? Resposta, não a encontro segura e certa, se bem que tudo se me afigure verdadeiramente lamentável! E é com igual sinceridade que afirmo que o nosso maior desejo era que esses «novos», em luta leal, mostrassem que nós já não éramos necessários e que nos encontrávamos a mais na Secção. Se saíssemos vencidos, eu seria o primeiro a saltar à água para um a um abraçar os nossos colegas triunfadores, e, muito cá de dentro, dizer-lhes: «Obrigado, rapazes! Podemos sair descansados, pois está devidamente acautelado o futuro da equipa e a necessária continuidade da Secção, a bem do Clube e a bem de Aveiro!»

Propositadamente, não interrompemos o nosso amável interlocutor, que, a seguir, se alongou em judiciosos comentários sobre a modalidade e sobre pormenores técnicos correlacionados com este salutar desporto. Uma curiosa afirmação, que achamos interessante registar:

— Assim como um onze de futebol não é só formado por onze atletas, pois é imprescindível... uma bola, como elemento acessório, uma equipa de remo, num quatro, por exemplo, também é formada por mais alguma coisa além dos quatro remadores e do respectivo timoneiro: pretendo referir-me ao barco, cujo conhecimento pela tripulação se torna indispensável... A menos que se queira prosseguir sempre num desolador clima de marasmo e de improvisações, que, lá fora, estão completamente banidos!

Manuel Regala continuou a desbobinar considerações, todas elas de muito interesse. Falou-nos da mudança do monitor da Secção Náutica, motivada pela saída de Ulisses Naia, que foi substituído por João Dias de Sousa, como nestas colunas oportunamente se noticiou. E neste, ponto, depois de uma intervenção nossa, esclareceu:

— Ao assumir o seu novo cargo, João Dias de Sousa pôs desde logo uma ressalva: por motivos particulares, não orientava a equipa dos «velhos», não era o nosso treinador. Foi escolhido um adjunto: João Alberto Lemos, incumbido de nos acompanhar.

E os treinos prosseguiram, sem nada de anormal, com proveito para todos.

— Até que... rebentou, eclodiu a sensacional bomba, não é como dizemos? — aventurámos.

— Perfeitamente assim! Na segunda-feira, dia 6, saímos para o treino habitual, no barco que sempre utilizámos. João Dias de Sousa, no entanto, mandara-nos dizer, pelo nosso timoneiro, que aquela embarcação seria para os «novos» e que, portanto, devíamos utilizar outra. Colhidos de surpresa e sem ordens do nosso treinador, que não se encontrava no posto náutico quando iniciámos o treino, não acatámos aquela intimação, e, isto foi, em resumo, o motivo que nos forçou a sair do Galitos.

— Como assim?

— Embora nunca tivéssemos a intenção de desrespeitar ou desautorizar João Dias de Sousa, o certo é que desobedecemos a uma ordem sua. E o monitor da Secção Náutica, ao apresentar o caso à respectiva Direcção, foi peremptório: saiem eles ou saio eu!

— Qual a atitude da Direcção, ante tão instante dilema?

— Tentou tudo para conseguir uma solução conciliatória, e nós logo nos prontificámos a apresentar desculpas a João Dias de Sousa, fazendo-o diante de todos os restantes remadores, se tal fosse julgado necessário. Provaríamos que não houve intuito de qualquer desrespeito, desconsideração ou desautorização, e que a nossa atitude foi sòmente precipitada.

E após ligeira e significativa pausa:

— João Dias de Sousa permaneceu irredutível, não querendo receber as desculpas que pretendíamos dar-lhe nesse dia (noite de 7 do corrente). E assim é que, depois do ilustre Presidente da Secção Náutica, Dr. Mário Gaioso Henriques, nos ter dado conta da recusa do monitor à aceitação das desculpas e nos ter afirmado «a Direcção esteve sempre a vosso lado; ajudem-nos agora a resolver este problema...», decidimos tomar a atitude que se nos impunha: pedir para sair do Clube!

Seguiram-se alguns minutos de compreensível silêncio. Manuel Regala sofria, profundamente, quando nos fez estas declarações. Mas foi ele mesmo que quebrou esses dolorosos instantes, com um desabafo:

— Sinceramente, creio que merecíamos uma festa de despedida bem diferente! Sacrificámo-nos, na vida e na saúde, durante anos a fio, e o nosso esforço, a nossa dedicação, o nosso entusiasmo e o nosso amor ao Clube mereciam outra recompensa, uma outra festa de homenagem!

— Escusado será dizer que partem com saudade e com tristeza. Mas não levam, também, ressentimentos, nesta abalada tão pouco consentânea com os vossos merecimentos, com o vosso valor?

— De modo algum! Vamos tristes, profundamente tristes, que mais não se poderá estar, isso sim! Mas mais nada! O resto creio bem que aconteceu por tanto idolatramos a nossa tão querida modalidade, que devíamos ter abandonado definitivamente quando no auge das nossas possibilidades, nos momentos de maior glória para nós, para o Clube dos Galitos e para Aveiro! É a lei natural das coisas...

E acrescentou, completando a ideia:

— ...mas levamos a consciência tranquila, porque sempre cumprimos com o nosso dever, e isto nos basta como melhor galardão.

Já quando nos despedimos, agradecendo a Manuel Regala a atenção que nos dispensara e pedindo-lhe desculpa pelo tempo que lhe roubáramos ao seu merecido repouso, o valoroso desportista disse-nos ainda:

— Para lhe mostrar que não ficámos com quaisquer ressentimentos, posso também confidenciar-lhe: todos nós, os chamados «velhos», andávamos com um desmedido, um incomensurável desejo de competir nos próximos Campeonatos Nacionais. Afastados do Galitos, fomos convidados para ingressar num qualquer clube, da nossa simpatia ou agrado; teríamos em Aveiro um barco, para os necessários treinos e para nele participarmos no torneio máximo do nosso País.

Pois bem: recusámos essa proposta, aliciante sem dúvida, pois desagrada-nos sobremaneira ser contra o Clube que sempre representámos. Além dessa razão, outra existe ainda, que em muito a ultrapassa e transcede: nunca por nunca seríamos contra Aveiro, ou contra quem fosse seu representante único!

E assim se encerrou a entrevista. Poderá ela servir de elo de aproximação entre as partes desavindas no seio de uma grande, de uma modelar família, que sempre se caracterizou por gestos de solidariedade e perfeita união?

Oxalá tal pudesse acontecer, para maior prestígio desse glorioso Clube dos Galitos.

XADREZ DE NOTÍCIAS

Por falta de espaço, não nos é hoje possível dar o habitual relevo, ou noticiar sequer, a diversas manifestações desportivas recentemente efectuadas no nosso Distrito.

Esperamos fazê-lo na próxima semana, do atraso pedindo desculpa aos leitores.

O Beira-Mar, segundo nos consta, está em negociações com vários futebolistas de real valor, que virão reforçar o seu team principal. Quanto a nomes, porém, nada se pode ainda referir, já que as conversações decorrem em completo — e necessário — sigilo. Sabe-se, sòmente, que Diego Sacco continuará nas fileiras beiramarenses, e que, provàvelmente, Mota, Sidónio Brito e Aniceto serão dispensados.

Hoje, antes do jogo Galitos-Minas, inicia-se o Torneio Juvenil de Hóquei em Patins do Clube dos Galitos, que reúne a presença de seis equipas. Efectua-se um encontro, completando-se amanhã, com início às 10.30 horas, a primeira jornada.

O conhecido futebolista estarrejense Rola, que há anos pertence ao Vitória de Guimarães, é amanhã homenageado, em Estarreja, no decorrer do desafio que os vimaranenses ali efectuam, defrontando o Beira-Mar.

Em Santa Maria de Lamas, foi recentemente inaugurado um rinque de patinagem, efectuando-se um desafio de hóquei em patins entre as equipas de juniores da Escola Livre de Azeméis e do Carvalhos. Estes triunfaram por 6-3.

O competente técnico Rui de Araújo, que ùltimamente se notabilizou na Oliveirense e no Arrifanense, assumiu a orientação dos futebolistas do Pejão.

A Oliveirense está em negociações com o Celta de Vigo para a realização de um jogo particular de futebol em Oliveira de Azeméis, em data a combinar oportunamente.

Como nestas colunas se referiu, ainda recentemente, a Câmara Municipal mandou substituir as velhas e arruinadas bancadas do Rinque do Parque (para quando a concretização da velha promessa da ampliação do rectângulo de jogo?). Encontram-se agora no recinto umas novas, armadas em moderno material «Dexion». Verifica-se, no entanto, que as bancadas — por deficiências na respectiva montagem — não oferecem garantias de inteira segurança, e a sua utilização é mesmo bastante perigosa nalguns pontos.

Para o facto, chamamos a atenção dos competentes serviços camarários.

Num jogo particular de hóquei em patins recentemente efectuado em S. Pedro do Sul, o Sampedrense derrotou por 8-5 o Illiabum.

O Atlético Clube de Cucujães, além de pretender iniciar-se no Andebol de Sete, tenciona criar também uma secção de Hóquei em Patins, pensando muito a sério na construção de um recinto apropriado para a modalidade.

FUTEBOL

em Cernache do Bonjardim e em Torres Vedras, respectivamente.

CAMPEONATO NACIONAL DE JUNIORES

Na segunda mão das meias-finais nortenhas desta competição, o Leixões perdeu em Coimbra (2-4) com a Académica, ficando eliminado, já que o seu 2-1 foi superado pelos estudantes.

No outro desafio, a Sanjoanense perdeu novamente com o Futebol Clube do Porto — agora, em casa, por 1-4 (nas Antas, 0-3).

Desta forma, Académica e Futebol Clube do Porto prosseguirão na luta.

HÓQUEI em PATINS

Costa, de Coimbra, os grupos apresentaram:

Académica — Douwens, Cunha, Sá Pereira, Rocha e Luís Santos. *Supls.* — Furtado e Costa.

Galitos — Teles, Nélito, Pratas Goes, Élio e Rosa. *Supl.* — Brás.

O prélio foi bem disputado, terminando com um justo triunfo da turma escolar, que ao intervalo ganhava por 5-3.

Marcadores: pela Académica, *Rocha*, aos 4, 17 e 31 m., e *Cunha*, aos 5, 12, 18 e 35 m.; e, pelo Galitos, *Pratas Goes*, aos 8 e 17 m., *Brás*, aos 14 m., e *Rosa*, aos 30 m..

Arbitragem bem conduzida.

Tabela de Pontos

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Minas	4	4	—	—	30-10	12
Termas	4	3	—	1	20-12	10
Académica	4	2	—	2	16-19	8
Galitos	4	1	1	2	11-16	7
Sampedrense	4	—	2	2	7-13	6
Sport	4	—	1	3	7-21	5

O PAVILHÃO

todo mas importante sector desportivo. E hoje, encerrando esta breve nota, é gostosamente que apresenta aos seus leitores um esboço do anteplano do Pavilhão de Desportos, elaborado pelo conceituado Arquitecto José Luís Teixeira Jacinto. Melhor que as palavras, a gravura fala bem da grandiosidade da obra — uma obra de que Aveiro tanto necessita.

A valorosa equipa que conquistou o famoso Troféu Salazar. Manuel Regala é o primeiro, a contar da esquerda

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — MOURA. Domingo — CENTRAL. Segunda-feira — MODERNA. Terça-feira — ALA. Quarta-feira — MORAIS CALADO. Quinta-feira — AVEIRENSE. Sexta-feira — SAÚDE.

Dr. Humberto Leitão

Só agora tivemos conhecimento da escolha para Vice-presidente da Câmara Municipal de Aveiro do Dr. Humberto Leitão, nosso distinto colaborador e director da apreciada secção «Arca de Antiguidades», que já exercia, com notável in-

teresse e muita utilidade, as funções de Vereador e Presidente da Comissão Municipal de Turismo.

Cumprimentando o Dr Humberto Leitão, auguramos lhe os melhores êxitos no exercício das suas novas e elevadas funções, na certeza antecipada de que dele resultarão benefícios seguros para o Concelho e para o Município.

Pela Capitania

Movimento marítimo

• Em 15, procedente de Westmannisland, com 792 toneladas de bacalhau fresco, entrou a barra o navio-motor holandês «Rudolf J».

• Em 16, a reboque do «Foz do Vouga», demandou a barra, com 878,5 toneladas de gasóleo, o navio-tanque «Cláudia».

• Em 17, com destino a Bayone saiu o navio «Rudolf J»; para Leixões, com 100 toneladas de madeira, seguiu o navio-motor «São Silvestre»; e, para Lisboa, a reboque do «Foz do Vouga», largou o navio-tanque «Cláudia».

• Em 20, vindos de Setúbal e Lisboa, respectivamente, entraram o galeão-motor «Praia da Saúde», com 80 toneladas de cimento, e o navio-tanque «Cláudia», a reboque do «Foz do Vouga», com 747 toneladas de gasolina; no mesmo dia, vazio, este regressou a Lisboa.

• Em 21, com destino ao Porto, em lastro, saiu o galeão-motor «Praia da Saúde» e entrou, vindo de Amesterdão, o navio-motor italiano «Soccotra», em lastro, para carregar madeira, tendo saído em 23.

Escola do Magistério

Exames de Estado

Na passada segunda-feira, dia 20, iniciaram-se, na Escola do Magistério Primário Particular de Aveiro, os exames finais das alunas-mestras do segundo ano daquele estabelecimento de ensino.

Preside ao júri o Director da Escola do Magistério Primário do Porto, sr. Dr. Eleutério Correia de Melo, que tem como acessores os professores José Pereira Pinto e Inspector Afonso Frias.

Pela Legião Portuguesa

Exercícios finais

A norte da Vila da Feira, e ao longo da estrada para Riomeão, realizaram-se os exercícios finais do período de instrução de 1959/1960.

Para o efeito reuniram-se naquela vila algumas centenas de legionários do Terço Independente 47 — da Mealhada, Albergaria, Ovar, Oliveira de Azeméis e Estarreja — sob a direcção do sr. Coronel Diamantino Antunes do Amaral, Comandante Distrital, e dos srs. capitães Tavares de Carvalho, Firmino da Silva e Paula Santos.

Cerca das 8 horas, as unidades designadas para efectuar o ataque partiram da respectiva base, sob o comando dos comandantes de Terço Dr. Fernando Marques e José Mortágua e dos comandantes de Lança Grilo de Brito e Banaco.

As citadas posições eram ocupadas por forças do T. I. 43, de Espinho, sob o comando dos comandantes de Lança Dias Cruz e Pereira Cabral.

Os exercícios, que despertaram natural curiosidade entre a população, decorreram de maneira satisfatória, servindo para demonstrar o grau de preparação militar e o espírito de sacrifício das unidades do Comando Distrital de Aveiro.

Após o exercício, os oficiais, graduados e legionários reuniram-se, sob a presidência do sr. Comandante Distrital, num almoço de confraternização legionária, numa das naves da Fosforeira Portuguesa, de Espinho.

O sr. Dr. Fernando Marques, no momento próprio, pronunciou significativas palavras de exortação.

Defesa Civil do Território

Em 13 do corrente, pelas 17.30 horas, efectuou-se uma sessão de propaganda da D. C. T., nos Paços do Concelho de Vagos.

Falou o sr. Comandante Distrital da L. P., que lembrou a necessidade da criação de cursos da D. C. T. no País, referindo as suas vantagens e o seu interesse.

Santa Casa da Misericórdia de Aveiro

Acção Hospitalar em 1960

PRIMEIRO TRIMESTRE

Internamento	
Pobres e Percionistas	357
Pensionistas	84
Soma	441
Dias de Hospitalização	5 428
Média diária	59 6
Demora média	12,3
Cirurgia	
Operações de Grande Cir.	190
» » Pequena »	60
S. Aux. Diagnóst. e Terapêutica	
Raios X.	188
Agentes Físicos	780
Análises Clínicas	2 264
Electrocardiog	—
Sangue (litros)	39,55
Banco	
Serviços urgentes	236
Consultas externas	
Clínica Médica	398
Clínica cirúrgica	630
Clínica Pediátrica	1 497
Ortopedia	92
Cardiologia	171
Oftalmologia	108
Otorrinolaringologia	112
Ginec. e Obstectrícia	267
Urologia	—
Psiquiatria	206
Soma	3 481
Média diária	38 2
Tratamentos, injecções e pequenas intervenções	4 551
Média diária	50

Tartaruga gigante

Na passada terça-feira, dia 21, no mar da Vagueira (Vagos), veio à rede da xávega da *Senhora da Boa Hora*, da sociedade Bole & Abreu, L.da, uma tartaruga gigante, com o peso aproximado de 400 quilos.

Por iniciativa do sr. Comandante Amândio Pires Cabral, Capitão do Porto de Aveiro, o excelente exemplar vai agora enriquecer o Museu de Ciências Naturais do Liceu desta cidade.

A «sereia» tocou...

Na penúltima quarta-feira, dia 15, quando se encontrava em reparação nas oficinas da Garagem Central, incendiou-se uma fourgoneta pertencente à firma Sucena & Filhos, da Borralha (Águeda), devido a um curto-circuito.

As chamas envolveram logo o motor, e o acidente, por inesperado e repentino, causou natural pânico, dado que na garagem se encontravam diversas viaturas e depósitos de combustível, que corriam o risco de ser atingidos.

Dado o alarme, compareceram ràpidamente socorros da Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, sob comando do Chefe Manuel Rigueira, que logo conseguiram dominar o fogo, utilizando neve carbónica — e assim evitaram que o sinistro atingisse maiores proporções.

Compareceram também, mas não chegaram a actuar, elementos da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro.

O veículo incendiado apenas sofreu ligeiras avarias, devido à rápida intervenção dos Bombeiros Novos.

Reunião de Oficiais de Cavalaria 5

Conforme nestas colunas oportunamente se anunciou, confraternizaram nesta cidade, no pretérito domingo, muitos dos oficiais que serviram no Regimento de Cavalaria 5, que está prestes a deixar completamente Aveiro, por ter sido extinto.

Reuniram-se na nossa terra cerca de meia centena de militares de diversas patentes, desde os mais antigos aos da actualidade, em saudosa evocação dos largos anos que em Aveiro viveram, no desempenho das suas funções.

Pelas 12 horas, foi rezada missa em sufrágio dos oficiais já falecidos. Presidiu ao piedoso acto, que teve lugar na igreja do Carmo, o Rev.º Padre Tenente José Manuel Rendeiro, Capelão da Base Aérea de S. Jacinto.

Seguidamente, numa das dependências do quartel da Unidade, efectuou-se um almoço de confraternização, em que, além de outros oficiais, tomaram lugar na mesa de honra os srs.: Brigadeiro Carlos Afonso de Chaby, Director da Arma de Cavalaria, que presidiu; Coronel Ponce, em representação do Comandante da II Região Militar; brigadeiros Domingos de Sousa Magalhães e Ribeiro de Carvalho; e coroneis Vasco Lopes, Américo Roboredo de Sampaio e Melo e Júlio Ferrer Antunes.

Aos brindes, o sr. Capitão Pinto de Amaral esboçou a história do Regimento, citando, a propósito, diversas e elogiosas referências feitas a Cavalaria 5 por entidades das das mais representativas da Nação e por altas patentes do Exército Nacional e de exércitos estrangeiros, e expressas em documentos, já históricos, no Livro de Ouro da Unidade.

Falaram também os srs.: Coronel Américo Roboredo de Sampaio e Melo, Presidente da Comissão organizadora daquela festa; tenentes milicianos drs. Paim de Almeida, Sousa Oliveira, Cardoso do Vale o Jaime Gralheiro; e Brigadeiro Ribeiro de Carvalho — todos relevando a excelente camaradagem que sempre informou quantos serviram em Cavalaria e evocando, saudosamente, os tempos que viveram em Aveiro. Sob proposta do sr. Dr. Sousa Oliveira, ficou resolvido que anualmente se concen-

Continua na página seguinte

trem na nossa cidade, em idênticas reuniões, os oficiais que serviram no prestigioso Regimento de Cavalaria 5.

A concluir, usou da palavra o sr. Brigadeiro Carlos Afonso de Chaby, que, num comovido e expressivo improviso, saudou o Regimento de Cavalaria 5, fazendo-lhe as mais elogiosas referências, brindou por todos os militares que nele serviram e afirmou a sua esperança na vinda de melhores e mais felizes dias para a Unidade que tanto prestígio emprestou a Aveiro.

Findo o almoço, e depois de se terem visitado as instalações do quartel, os oficiais que tomaram parte nesta sentida festa deram um passeio de lancha pela Ria, tendo-se deslocado até S. Jacinto.

Noticiário Religioso

Comunhão Solene

Nas freguesias de Nossa Senhora da Glória e da Vera-Cruz, realiza-se, hoje, a cerimónia da Comunhão Solene das Crianças.

Na freguesia da Glória, haverá missa, com prática, às 9 horas, na Sé Catedral; e, pelas 17 horas, as crianças reunem-se na igreja das Carmelitas, donde sairão em cortejo para a Sé, onde haverá devoção religiosa, com prática e consagração a Nossa Senhora.

Na Vera-Cruz, teremos também missa de comunhão, com prática, pelas 9 horas; de tarde, pelas 18 horas, sairá da igreja paroquial uma procissão eucarística.

Festival Folclórico Internacional

Hoje, com início às 21 horas, e amanhã, pelas 16 e pelas 21 horas, realiza-se em Oliveira de Azeméis, integrado nas célebres Festas de Cidacos, o *IV Festival Folclórico Internacional*, que está a suscitar muito interesse.

Colaboram no festival os agrupamentos folclóricos que a seguir se mencionam:

«La Brise d'Anjou», de Angers (França), «Grupo Feminino da Falange», de Sevilha (Espanha), «Grupo das Lavradeiras de Mendela», de Viana do Castelo, «Grupo de Sargaceiros da Casa do Povo de Apúlia», de Esposende, «Grupo de Pias», de Cinfães, «Grupo Os Esticadinhos», de Cantanhede, «Grupo da Casa do Povo de Cano», do Alto Alentejo, e «Grupo Infantil Scalabitano», de Santarém.

Salão Provincial de Estética da M. P. F.

Com trabalhos de filiadas dos diversos centros da Mocidade Portuguesa Feminina dos distritos de Aveiro, Coimbra e Leiria, foi inaugurado, pelas 15 horas do passado domingo, o Salão Provincial de Estética da M. P. F. — que apresenta artísticos e valiosos espécimes de desenhos, pinturas, bordados, rendas, tapeçarias, incluindo também outros trabalhos manuais (caravelas, navios e bonecas envergando trajos regionais).

O certame, que reune ainda curiosos trabalhos executados por alunas de uma Secção Infantil da M. P. F. (escolas primárias), encontra-se patente ao público na Casa da Mocidade Portuguesa, à Rua do Clube dos Galitos, tendo sido organizado pela Delegacia Distrital e pela Sub-Delegacia Regional da M. P. F..

Na cerimónia inaugural, encontravam-se presentes, além de outras, as seguintes individualidades: sr.as D. Beatriz Rebelo, Delegada Distrital da M. P. F.; D. Maria Adozinda Cardoso de Albuquerque, Subdelegada Regional da M. P. F.; D. Albertina Corte Real, Inspectora de Educação Estética; D. Maria Alice Andrade Santos, Directora do «Fagulha», órgão da M. P. F.; Dr. Fernando Marques, Delegado Distrital da M. P.; Dr. Humberto Leitão, Vice-presidente da Câmara Municipal; Comandante Amândio Pires Cabral, Capitão do Porto; Dr. José Gomes Bento, em representação do Reitor do Liceu Nacional de Aveiro; e Dr. Manuel Marques Damas, que representava o Director da Escola Industrial e Comercial.

Rotary Clube

Na passada segunda-feira, realizou-se, no Restaurante Galo d'Ouro, mais uma reunião do Rotary Clube de Aveiro. Presidiu inicialmente o sr. Gervásio Aleluia, Vice-presidente do Rotary de Aveiro, que convidou para a protocolar saudação à Bandeira Nacional o sr. Joaquim Adriano de Almeida Pereira Campos Amorim.

Depois do 2.º Secretário, sr. Rudolfo Teles, se ter ocupado do expediente, entrou-se no Período de Actualidades e Curiosidades, durante o qual falaram os srs.: Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, Eduardo Cerqueira, Arnaldo Estrela Santos, Eng.º João Carlos Aleluia e Carlos Alberto da Cunha Soares Machado — este último para se referir à festa de confraternização que, na véspera, realizaram em Aveiro actuais e antigos oficiais do Regimento de Cavalaria 5.

A palestra regulamentar foi proferida pelo sr. Rudolfo Teles, que, com muito interesse, desenvolveu um tema bastante actual — «Ensino Administrativo».

O sr. Eng.º José Pereira Zagalo, no uso da palavra, referiu-se a diversos problemas de interesse rotário, falando, nomeadamente, da reunião conjunta que, amanhã, os clubes de Viseu e Aveiro efectuam na capital da Beira-Alta, e da representação aveirense na cerimónia da entrega da Carta Constitucional do Rotary Clube de Lisboa-Norte, que também se efectua amanhã.

O comentário da reunião foi feito pelo sr. António Guimarães, que se referiu a todos os oradores que o precederam, distinguindo o palestrante, e que dirigiu breves palavras de saudação à Imprensa, na pessoa dos seus representantes.

Ao encerrar a reunião, o Presidente do Rotary de Aveiro — que, segundo afirmou, assistia, naquela qualidade, à última reunião do seu Clube — agradeceu a prestimosa colaboração que lhe foi dispensada pelos membros das diversas comissões rotárias aveirenses e pelos seus colegas de Direcção. Finalizando, o sr. Eng.º José Pereira Zagalo manifestou o seu reconhecimento pelo auxílio que sempre lhe foi prestado pela Imprensa, que saudou.

Faleceram:

Francisco Pisa

No passado dia 12, faleceu, em Buenos Aires (Argentina), o sr Francisco Pisa, que contava 65 de idade.

O saudoso extinto era pai da sr.ª D. Wanda Pisa, dos srs. Silvestre e Rómulo Pisa e do conhecido treinador de futebol do Sport Clube Beira-Mar, sr. Anselmo Hugo Pisa; sogro da sr.ª D. Branca Gama Pisa; e avô das meninas Wanda e Aidé Gama Pisa.

Por sua alma, é rezada hoje, pelas 18,30 horas, missa de sufrágio, na paroquial da Vera-Cruz.

D. Rosa Maria Lemos

Após prolongado sofrimento, finou-se, em Luanda, no passado domingo, a nossa conterrânea sr.ª D. Rosa Maria da Cunha Lemos, dedicada esposa do aveirense sr. Raul de Oliveira Lemos.

A triste notícia causou profunda impressão nesta cidade, onde a saudosa senhora era muito conhecida, aqui contando com muitas amizades.

A's famílias enlutadas os pêsames do Litoral

Vende-se

Toucado para Comunhão, completamente novo.

Nesta Redacção se informa.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje — As sr.as D. Maria Luisa de Melo Ramos, esposa do sr. José de Melo; D. Aurora das Dores Salgado, esposa do sr. Sargento-ajudante Subchefe de Música João António Salgado, e D. Maria Estudante da Rocha; e as meninas Maria da Graça Pereira Campos Amorim, filha do sr. Joaquim Adriano de Almeida Pereira Campos Amorim, Administrador-Delegado das Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos, Ascenção Ferreira Martins, filha do sr. José Martins, e Lídia Jerónimo Marques, filha do sr. Manuel da Fonseca Marques.

Amanhã — As sr.as D. Maria de Lourdes Moreira Henriques, esposa do sr. Eng.º António Máximo Gaioso Henriques, e D Maria da Soledade Pereira da Cruz de Vilhena, esposa do nosso colaborador fotográfico Pedro Vilhena; os srs. Arlindo Martins Bastos e Manuel Monteiro Miranda; e as meninas Maria Guilhermina Osório Saraiva, filha do saudoso Aníbal Saraiva, Aldina Túlia Figueirego Longo, filha do sr. José Augusto Farias Longo, e Maria Eneida Gonçalves Martins, filha do sr. Henrique Nunes Martins, ausente em Angola.

Em 27 — A sr.ª D. Carolina Augusta Silvestre de Albuquerque da Silva Matos, professora do Liceu de D. João III, em Coimbra, e esposa do sr. Dr. Américo da Silva Matos, professor do Liceu de Lourenço Marques; o sr. José Pereira Lopes da Silva; as meninas Maria Luisa Salgueiro Lopes, filha do sr. Comandante Manuel Branco Lopes, e Maria da Luz Azevedo Alves Novo, filha do sr. Augusto Alves Novo Júnior; e o menino Fernando Alves Maia do Miguel, filho do sr. Germano Simões Maia do Miguel.

Em 28 — As sr.as D. Maria Helena Sobreiro Vidal e D Maria de Fátima Barata Freire de Lima; os srs. D. Sebastião Pedro de Lemos Manoel (Ataloya) e Vinicio Rodrigues Pereira; e o menino João Manuel Osório Saraiva, filho do saudoso Aníbal Saraiva.

Em 29 — As sr.as D. Joaquina Caldeira Brás Dinis, esposa do sr. António Dinis. D. Gracinda Amorim dos Reis, esposa do sr. João dos Reis, D. Maria da Conceição Pinheiro da Costa e D. Laura da Costa Praça de Almeida; os srs. prof. Severiano Ferreira Neves, Armindo Faustino Rodrigues Teto, o nosso dedicado colaborador, José dos Santos Gamelas, Manuel Eduardo da Cunha, Francisco Costa e Manuel Moreira de Castro e sua filha, menina Lourdes Isabel; a menina Manuela Eduarda, filha do sr. António Cunha, empregado do Café Arcada; e os meninos António Manuel, filho do sr. Capitão António Pinto de Amaral, José Pedro da Costa do Roque, filho do sr. Amadeu do Roque, e António Pedro Vendrell Santos, filhos do sr. Eng.º Germano Vendrell Santos.

Em 30 — O nosso distinto colaborador Dr. Eduardo Vaz Craveiro; e o sr. João Maria da Costa Vieira Gamelas.

Em 1 de Julho — O nosso apreciado colaborador João Sarabando; os srs. Artur Gouveia da Cunha, de Estarreja, José Júlio Pereira Varela, Amadeu do Roque, 1.º Sargento José de Sousa da Silva e prof. João Rocha de Oliveira, ausente em Nametil-Nampula (Moçambique); e a estudante Sara Maria Guimarães Marcela, filha do sr. prof. António dos Santos Marcela.

CASAMENTO

Na igreja de Nossa Senhora da Fátima de Baixa da Boinheira, realizou-se, no domingo, dia 12, o casamento da sr.ª D. Albertina Viegas Silva, filha da sr.ª D. Deolinda da Silva Chula Viegas e do sr. Joaquim Viegas, com o sr. Rui José de Oliveira Conde, filho da sr.ª D. Arminda de Oliveira Conde.

Serviram de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Celeste Valente Viegas Correia e o sr. Joaquim Rosa Correia; e, pelo noivo, a sr.ª D. Lucília de Sousa Amaral e o sr. José Alexandre de Moura Amaral. Presidiu à cerimónia o Rev.º Padre António de Deus Sequeira.

Ao novo lar, desejamos as melhores felicidades

JOSÉ ALBERTO GARCIA

Ausentou-se para Vinhais, terra de sua naturalidade, o sr. José Alberto Garcia que, durante cerca de cinco anos, desempenhou, com muito zelo e proficiência, as funções de Tesoureiro da Câmara Municipal de Aveiro.

Por suas qualidades de carácter e lhaneza de trato, o sr. José Alberto Garcia conquistou muitas amizades em Aveiro, que profundamente estima, como nos referiu.

Desportista convicto e incondicional adepto do Beira-Mar, o sr. José Alberto Garcia deixou profundas saudades aos inúmeros aveirenses seus amigos.

Gratos pela gentileza que teve de vir apresentar-nos cumprimentos de despedida.

NA REDAÇÃO

★ *Teve a gentileza, que agradecemos, de vir apresentar cumprimentos na Redacção do Litoral, na passada segunda-feira, o nosso conterrâneo sr. Luís Maria Duarte Moreira, industrial de panificação em Ponta Delgada (Açores), que se encontra em gozo de férias na Metrópole.*

★ *O antigo e conhecido desportista aveirense sr. Amadeu Moreira, depois de prolongada ausência em Cabo Verde, esteve nesta cidade durante alguns meses, tendo seguido há dias para os Estados Unidos da América do Norte, onde vai fixar residência.*

Gratos pelos cumprimentos que se dignou apresentar-nos.

VIDA ESCOLAR

● Transitou para o 5.º ano do Liceu, o estudante Luís Filipe França Marques Mendes, filho do conhecido comerciante e desportista sr. Carlos Marques Mendes.

● Passou, igualmente para o 5.º ano do Liceu, o académico João Luis Varela Campos, filho do sr. António Pereira Campos Naia.

Os nossos parabéns

NOMEAÇÃO

Após concurso de provas públicas, foi nomeada funcionária do Arquivo Histórico Ultramarino, no Ministério do Ultramar, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Rosa de Melo de Vilhena, filha do sr. Luís Firmino Regala de Vilhena, que há anos reside em Lisboa, onde interinamente trabalhava no Ministério das Comunicações.

DOENTE

✧ Tem sentido ligeiras melhoras o nosso bom amigo sr. Manuel Ramires Fernandes, que se encontra ainda retido no leito.

DESPEDIDA

Na impossibilidade de pessoalmente se despedir de todos os seus conterrâneos e amigos aveirenses, Amadeu Moreira, ao ausentar-se para os Estados Unidos, vem fazê-lo por este meio, a todos oferecendo os seus préstimos em New York, onde vai fixar residência.

Julgamento de um caso de contrabando

O caso ocorreu no mês de Agosto do ano findo, mas só agora foi julgado.

A Secção da Guarda Fiscal desta cidade teve conhecimento, talvez um mês depois da ocorrência, de que na noite de 7 de Agosto de 1959, um barco de tráfego local havia descarregado num esteiro da Ria de Aveiro grande quantidade de mercadoria — que não chegou a ser identificada — fugida aos direitos alfandegários. O transporte ter-se-ia feito até ao mar de Aveiro em qualquer navio e ali baldeada a mercadoria para uma traineira da pesca da sardinha, que também não chegou a ser identificada.

Esta entrou então a barra a coberto da escuridão e, uma vez na Ria, transbordou para o referido barco a carga recebida.

Iniciaram-se as necessárias diligências, trabalhosas sem dúvida, uma vez que a denúncia não ofereceu qualquer pista segura para a descoberta dos contrabandistas, nem mesmo para a identificação das embarcações que teriam tomado parte naquele transporte. Isso, porém, não obstou a que as investigações, inteligentemente conduzidas pelo Sargento Mendes, Comandante no Posto de Aveiro, da Secção em referência, ao cabo de muitos trabalhos e canseiras, chegassem a bom termo, embora sem êxito absoluto, dado que não foi possível apreender a mercadoria, devido ao tempo já decorrido.

Identificado o barco que fez o último transporte e o seu proprietário, Ernesto Afonso Simões, de 30 anos, marnoto, residente nesta cidade, este foi sujeito a diversos interrogatórios e, apesar de ter confessado a parte que tomou no delito, afirmou sempre a sua ignorância sobre quem o incumbiu do transporte, bem como a mercadoria que conduziu ao esteiro onde foi descarregada. Dadas por concluídas as investigações, o Ernesto Afonso Simões foi processado e, não tendo apresentado recurso ou contestação, acabou por ser julgado e condenado em 50 contos de multa e mais a multa solidária de 20 contos, esta correspondente ao valor calculado da mercadoria e ainda na perda do barco — que foi vendido em hasta pública a favor da Fazenda Nacional.

O arguido, que não efectuou o pagamento das multas aplicadas, foi julgado insolvente na execução fiscal que lhe foi instaurada, pelo que aquelas multas foram convertidas num ano de cadeia, que está a cumprir, presentemente, na cadeia desta Comarca.

A sentença condena também os desconhecidos autores da proeza, que a todo o tempo sofrerão as penas da lei, logo que possam ser identificados.

Homenagem ao Dr. Vale Guimarães

Conclusão da página nove

Silva, actual Chefe do Distrito, associou-se, em expressivos e elevados termos, à homenagem prestada ao seu ilustre antecessor, testemunhando-lhe, em breves mas eloquentes palavras, a sua mais sincera e profunda admiração.

Finda a cerimónia, o povo que se encontrava na Praça da República, fronteira aos Paços do Concelho, e seguiu interessadamente os discursos, transmitidos por altofalantes, rompeu em aplausos quando o homenageado assomou a uma das varandas do edifício municipal.

O sr. Dr. Vale Guimarães agradeceu, visivelmente emocionado, erguendo dali um viva a Aveiro, que foi calorosamente correspondido e sublinhado com uma prolongada ovação.

★ Foram recebidos centenas de telegramas, cartões e cartas, entre todos se destacando os que foram enviados pelos srs.: Almirante Américo Tomás; Presidente da Assembleia Nacional; ministros da Justiça, das Finanças, da Marinha, das Obras Públicas, das Comunicações e das Corporações; e ainda por diversos outros actuais e antigos membros do Governo, numerosas individualidades de relevo na vida política, e social portuguesa e muitos aveirenses ausentes, não só da Metrópole como também do Ultramar.

Iconografia do Infante D. Henrique

Uma exposição no Museu de Aveiro

No Museu Regional de Aveiro, inaugurou-se, no dia 18 do corrente, uma exposição temporária relativa à iconografia do Infante D. Henrique, na qual figuram as espécies há pouco reunidas no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, e outras que posteriormente surgiram por virtude das comemorações nacionais em curso.

Assistiram ao acto inaugural as diversas autoridades locais e muitos convidados, entre umas e outras se notando os srs.: Dr. Jaime Ferreira da Silva, Governador Civil; Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal; Comandante Amândio Pires Cabral, Capitão do Porto; Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu; Dr. Amadeu Cachim, Director da Escola Industrial e Comercial; Dr. Jorge da Fonseca Jorge, Delegado do I. N. T. P.; Coronel Diamantino do Amaral, Comandante Distrital da L. P.; e Dr. Fernando Marques, Delegado Distrital da M. P..

O ilustre Director do nosso Museu, sr. Dr. António Manuel Gonçalves, a quem se deve a iniciativa do curiosíssimo e instrutivo certame, chamou a atenção dos presentes para algumas das mais importantes e das mais significativas espécies expostas — que vão do século XV até ao século XX — dissertando eruditamente sobre elas e, de um modo geral, sobre a iconografia henriquina.

O conjunto, digno de atenção e justamente apreciado, é constituído, fundamentalmente, pela valiosa colecção iconográfica pertencente ao sr. Dr. Rocha Madahil. Valorizam-no algumas espécies gentilmente cedidas pelos escultores srs. Álvaro de Brée e António Duarte e diversas peças de faiança das Fábricas Aleluia e da Fábrica da Vista-Alegre.

Avisadamente, relacionaram-se num magnífico catálogo, bem impresso e ilustrado com oito gravuras, as espécies reunidas. Precedido de uma breve apresentação do sr. Dr. António Manuel Gonçalves, e de uma explicação preambular, do sr. Dr. Rocha Madahil, e enriquecido com um índice dos artistas identificados, o catálogo descreve, resumidamente mas com mestria, cada uma das espécies expostas, constituindo um guia seguro, um repositório valioso de notícias e uma recordação muito estimável.

Merecem o nosso mais vivo aplauso e o nosso mais profundo reconhecimento todos os que, de algum modo, contribuiram para tornar possível a interessante exposição que todos os aveirenses cultos deveriam conhecer, e a publicação do catálogo, que todos estudiosos deveriam compulsar.

Seja-nos lícito distinguir o competente e dinâmico Director do Museu Regional de Aveiro, que está a realizar uma obra muito notável, por ela se tornando credor da gratidão dos aveirenses.

No conhecimento do seu propósito de organizar nas salas do Museu outras exposições temporárias, desde já e muito gostosamente lhe prometemos o nosso concurso para quanto possamos ser-lhe útil.

Concurso de Pesca

Amanhã, das 8 às 10 horas, realiza-se, no Molhe Central da Barra, o I Concurso de Pesca Inter-Empregados da Companhia Portuguesa de Celulose, de Cacia.

A prova foi organizada por uma comissão composta pelos srs. Dr. José Manuel Canavarro, Carlos Ferreira Pires, António Fernandes Silva e José Sucena Pinto, estando a despertar enorme interesse entre os funcionários daquela importante empresa aveirense.

Reprodução da gravura que ilustra a primeira edição da tradução inglesa dos Lusíadas, de Luís de Camões, 1655

Horário dos Comboios

PARA O SUL		PARA O NORTE		PARA O V. DO VOUGA		Comboios destinados a Aveiro que chegam do V. do Vouga e do Porto	
Horas de partida	Obs.	Horas de partida	Obs.	Horas de partida	Obs.	Chegada	Obs.
1.28	Correio, Lisboa	5.34	Correio, Porto	7.50	Liga para Viseu	7.29	De Sernada do Vouga
7.00	Coimbra	6 50	Tranvia, Porto	10.21	» » »	8.17	» » » »
7.42	Coimbra (a)	8.27	» »	12.58	» » »	10 48	De Viseu
9.29	Coimbra	11.01	» »	16.25	» » »	12.58	De Sernada do Vouga
10.19	Foguete, Lisboa	12.22	Rápido, Porto	18.00	» » »	15.50	De Viseu
11.29	Coimbra	12.53	Tranvia, Porto	18.45	» » »	18 54	Tranvia do Porto
13.21	Semi-directo, Lisboa	14.53	Automotora, Porto	19.48	Só até Sernada	19.15	De Viseu
15.04	Foguete, Lisboa	16.21	Semi-directo, Porto			20.27	Tranvia do Porto
16 02	Autom., Coimbra (a)	17.55	Foguete, Porto			21.47	» » »
18.52	Coimbra	19.20	Tranvia, Porto			22.32	De Viseu
19.40	Rápido, Lisboa	21.22	» »				
(a) Têm ligação para Lisboa		22.34	Foguete, Porto				

Problemas de interesse para o lavrador

Atenção aos "afídios"

Os ataques de «piolhos» — designação pela qual são mais vulgarmente conhecidos os «afídios» — às diversas plantas cultivadas e espontâneas são tão frequentes que originam, nesta época, uma invulgar procura de informações acerca da melhor forma de os combater.

Não entraremos na descrição da biologia dos «afídios» e dos seus hábitos, dada a natureza desta simples nota. Lembraremos apenas os estragos que provocam e as consequências que podem advir para as plantas que sofrem os seus ataques.

Dotados de uma armadura bucal picadora-sugadora, picam a planta para sugarem a seiva com que se alimentam. Em resultado de tais picadas, os órgãos atacados apresentam deformações mais ou menos intensas. Estas são especialmente visíveis nas folhas e mesmo nos ramos mais tenros ainda não atempados, traduzindo-se, principalmente, por enrolamentos mais ou menos pronunciados. Sempre que isto se verifica, assiste-se a uma paragem do crescimento e, por consequência, a um enfraquecimento prematuro da planta.

Como os «afídios» excretam uma substância adocicada — muito àvidamente procurada pelas «formigas» — é frequente desenvolver-se nela um fungo que acaba por revestir os órgãos da planta, aos quais dá uma coloração negra. Tal aspecto é conhecido, como os nossos leitores sabem, pelo nome de «ferrugem» ou «fumagina».

Um terceiro e não menos importante inconveniente do aparecimento dos «afídios» é o que respeita à possibilidade destes insectos infectarem as plantas por «vírus», os quais são agentes de graves doenças. Estão neste caso as diversas doenças viróticas da batateira, a «degenerescência» do pessegueiro, etc.

O combate aos «afídios» é bastante simples desde que se realize nas condições e épocas mais indicadas. Será suficiente recorrer a alguns dos modernos insecticidas com comprovadas qualidades aficidas para ràpidamente os exterminarmos. Está neste caso o Malathion, base química do insecticida conhecido por «Malaxone». As caldas a aplicar no combate aos vulgares «afídios» devem preparar-se com 1 a 1,5 decilitros de «Malaxone» por cada hectolitro de água. Na hipótese do insecto a combater ser o «piolho verde» será necessário elevar aquela quantidade de insecticida até 2 decilitros por cada 100 litros de água.

Resta acrescentar que o tratamento se deve realizar logo que se note o aparecimento dos primeiros insectos sobre as plantas e antes, portanto, destas apresentarem as folhas enroladas. De contrário, seria bastante difícil atingir a praga que se encontrasse protegida pelas folhas.

Os tratamentos dever-se-ão repetir sempre que se veriquem novas infestações.

Secretaria Notarial de Aveiro

SEGUNDO CARTÓRIO

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de dez de Março de mil novecentos e cinquenta e dois, nas notas do notário Dr. Adelino Augusto Simão da Fonseca Leal, os sócios da sociedade «JOSÉ MIGUEIS & FILHOS, LIMITADA», sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta cidade de Aveiro, senhores Aníbal Migueis Picado, João Migueis Picado, Albano Vinagre Migueis Picado e Dona Sofia Vinagre Migueis Picado Júnior, resolveram alterar, parcialmente, o respectivo pacto social, substituindo o artigo décimo primeiro, que ficou com a seguinte redacção:

Art.º 11.º

A Gerência fica cometida, sem caução, aos sócios João Migueis Picado, Aníbal Migueis Picado e Albano Vinagre Migueis Picado, e ela poderá usar da firma nos negócios da sociedade, ainda que para a assinatura de qualquer levantamento ou empréstimo a favor da sociedade. Os gerentes representam a sociedade em Juízo e fora dele, activa e passivamente. Os gerentes terão a retribuição que os sócios, por acordo, estabeleçam. Se algum dos gerentes se impossibilitar, durante o seu impedimento servirão os restantes. A caixa fica na Gerência. A escrituração será feita por pessoa habilitada e dirigida pelos gerentes.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª publicação

Faz-se saber que pela 1.ª Secção do Segundo Juízo desta Comarca, e nos autos de acção sumaríssima, em execução de sentença, que António Marques Nunes, casado, proprietário, de Taboeira, freguesia de de Esgueira, move contra Henrique Manuel Pinho Mendes Nunes da Silva, casado com absoluta separação de bens, proprietário, de Cacia, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado, para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos aa referida execução.

Aveiro, 11 de Junho de 1960

O Chefe de Secção, int.º,

António José Robalo de Almeida

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Carlos Vilas-Boas do Vale

Litoral ★ Aveiro, 25-6-1960 ★ N.º 296

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

JUNTA CENTRAL DE PORTOS

Junta Autónoma do Porto de Aveiro

AVISO

Arrematação do peixe rejeitado e detritos de peixe da Lota do Porto de Pesca Costeira de Aveiro.

Faz-se público que no dia 30 do corrente mês, pelas 10 horas, se procederá, na sede da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, à arrematação, por licitação verbal, do peixe rejeitado para consumo na Lota do Porto de Pesca Costeira de Aveiro e dos detritos de peixe produzidos nos armazéns da mesma Lota.

O programa de concurso e o respectivo caderno de encargos estão patentes na sede da Junta Autónoma do Porto de Aveiro em todos os dias úteis e durante as horas de expediente.

Base de licitação — 200$00

Aveiro, 6 de Junho de 1960

O Vice Presidente da Comissão Administrativa, em exercício,

Manuel Branco Lopes

A Homenagem ao DR. VALE GUIMARÃES

CONTINUAÇÃO DA ÚLTIMA PÁGINA

ao encontro de ainda possíveis ecos longínquos de vozes discordantes.

Não estou aqui para tomar partido e pôr-me em oposição com pessoa alguma, e muito menos com pessoas merecedoras do meu apreço e amizade; nem se trata de ilibar de culpas quem porventura as tenha.

Culpas todos as teremos, não é verdade? Que nos valha, pois, a infinita misericórdia divina, porque a dos homens é falível!

Arredando confusões descabidas, sejamos imparciais e justos.

Sejamos, acima de tudo, bons aveirenses!

Nos últimos tempos, quem haverá servido com mais afinco e devoção, com maior eficiência, a nossa terra?

Por *milagre de amor*, o sr. Dr. Vale Guimarães ultrapassou os limites de simples cumprimento do dever. De tal maneira que, como se disse acerca de meu Pai, também ao sr. Dr. Vale Guimarães *Aveiro lhe paga com amor o que em amor lhe deve.*

Socorrendo-nos, de novo, do Padre António Vieira, este nos lembraria que «o prémio das acções honradas elas o têm em si, e o levam logo consigo; nem tarda, nem espera requerimentos, nem depende de outrem; são satisfação de si mesmas. No dia em que as fizestes, vos satisfizestes.»

Tanto, ou tão pouco, poderia bastar ao sr. Dr. Vale Guimarães, — mas não a nós, que para com ele nos sentimos em grande dívida de profunda gratidão e muita estima.

De resto, ninguém se mostrará de todo alheio e indiferente a manifestações de apreço que possam dar conforto e servir de incitamento!

Da acta da sessão em que a Câmara Municipal conferiu ao sr. Dr. Vale Guimarães a Medalha de Ouro da Cidade, transcrevo a seguinte passagem:

«*Soube harmonizar os interesses políticos do Regime, que com inteira lealdade representou, no Distrito, com a maneira de ser e as mais altas tradições do nosso povo e da nossa terra, o que lhe granjeou a maior simpatia.*»

Isto foi precisamente assim, e é primacial!

Quem o põe em dúvida?

Não somos Lisboa, nem somos, sequer, a «Coimbra dos Doutores», aquela Coimbra que viverá sempre na minha saudade, e no respeito pela memória dos Mestres mais ilustres de quem recebi ensinamentos para interpretar e aplicar as Leis, com rectidão! *Como Deus manda...*

Somos muito humildes, mas, não obstante, algumas coisas que se passam entre nós, — sem desmandos nem atropelos, sem deslealdades nem mistificações e violências, — não poderão tomar-se como exemplo e modelo?

O sr. Dr. Vale Guimarães conseguiu *servir e honrar*, ao mesmo tempo, o Estado Novo e a nossa terra, sem repúdio das tradições desta.

Se alguém condenasse, como defeitos, certos atributos que em Aveiro nos habituámos a considerar virtudes cívicas, é provável que, impenitentemente, nos mantivéssemos no erro, sem regatearmos louvores e aplausos ao sr. Dr. Vale Guimarães, porque tem, *em alto grau*, conforme demonstrou, esses *supostos defeitos!*

No ritmo progressivo tomado, transformando-se e alargando-se assombrosamente, como imaginar-se o que venha a ser Aveiro dentro de alguns anos? Mas existe um maravilhoso quadro cuja imagem, intransmutável, o aveirense poderá levar consigo, ao adormecer para sempre:

> «De velas enfunadas, barcos airosos sulcando as águas da ria; a perder de vista, montes de sol, como tendas de campanha, polvilhando de branco puríssimo as eiras das marinhas; a nascente, em tintas de anil e esmeralda, o suave perfil de montanhas distantes; cruzando o céu, aves vindas, talvez, de muito longe, a fugirem às procelas e soltando pios lamentosos, ou regressando ao mar; o mar, ora espelhado e logo embravecido e temeroso, caminho das caravelas e estrada de barcos do alto, — *o mar!* chave mestra do futuro da cidade e desta região...»

Com as portas abertas para o mar, aquele outro Aveiro, o *Aveiro que sonhamos*, engrandecido e mais aliciante, *há-de surgir*, — não duvidemos. Há-de surgir! — graças àqueles que verdadeiramente o amem e com intenso amor se lhe devotem e o dignifiquem.

Amor à nossa terra! — palavras mágicas que falam à alma e a despertam...

Amor à nossa terra! — enleamento indefinível, doce prisão a que se não foge e que, quanto mais se sente, mais se deseja e se procura...

Amor à nossa terra! — misto de alegrias e tristezas, de saudades, anseios e esperanças...

Amor à nossa terra! — amor a que, em horas solenes, os sinos da Câmara nos convidam, na conhecida toada que o tempo consagrou...

Sinos da Câmara! — coração e voz da nossa terra querida, sinos que as gerações que nos sucedam hão-de ouvir, enquanto eles se conservem no seu posto, no mesmo apelo e entoando o mesmo hino!

Os anos passam, e as grandezas e esplendores do Capitólio ou da fortuna podem valer pouco, porque neste mundo quase tudo é incerto e mal seguro, mero empréstimo e ilusão.

Que é o que eu estou a ver, neste momento? Sombras, apenas algumas sombras: José Estêvão, Mendes Leite, Homem Cristo... E também D. João Evangelista de Lima Vidal e Jaime Lima...

Mais longe há outras sombras, muitas sombras... mas fiquemos por aqui! Que nem eu quero dizer o que tenho no meu coração...

Senhor Dr. Francisco José do Vale Guimarães, a suavizar agruras, nunca lhe faltarão em Aveiro os carinhosos sorrisos da alegria com que o recebam, e braços amigos que se estendam para si.

Na sua alma há-de continuar a arder a mesma chama vivificadora, o mesmo amor, florescendo e fortificando em prodígios de devoção e sacrifício em prol de Aveiro. *AVEIRO* — que V. Ex.ª jamais esquecerá!

Anda no ar da nossa terra um eflúvio misterioso, a que não se resiste! V.ª Ex.ª bem o sabe.

Vou terminar.

Senhor Dr. Vale Guimarães, pode fazer suas as conhecidas palavras do já citado Dr. António Ferreira:

> *Eu desta glória, só, fico contente,*
> *Que a minha terra amei, e a [minha gente!*

Tenho dito.

Depois, por entre calorosos aplausos, levantou-se para falar o homenageado. Extintas as últimas palmas, o sr. Dr. Vale Guimarães disse:

Vai decorrido ano e meio sobre a minha saída do Governo Civil. Tempo sobejo, na ordem política, para se apagarem cinco anos incompletos de chefia deste Distrito cuja capital é a bela cidade da Ria — Aveiro, com todo o fascínio de uma simultânea harmonia geográfica e humana, ainda mais permeável a quem, e sou um deles, nela nasceu e espiritualmente se alimentou dos ideais que têm presidido ao seu destino histórico. Tempo de sobra para esquecer, tanto mais quando posteriormente se não ocupa uma posição política nem tão-pouco se acalenta qualquer aspiração.

Estão, porém, os aveirenses justamente a desmentir aquilo que eu supunha enexorável neste domínio.

Primeiro, a representação à Câmara Municipal para ser distinguido com o mais alto galardão que o Município pode conceder — a Medalha de Ouro — iniciativa que encontrou eco em muitas centenas de cidadãos, da massa popular à mais alta esfera social.

Depois, a deliberação camarária de assentimento, em que tomaram parte os devotados aveirenses ao tempo vereadores e a que se veio a associar a actual e ilustre Vereação, esta como aquela da presidência de alguém cujo nome há muito está escrito na galeria dos grandes de Aveiro e cuja chefia municipal representa o coroamento de serviços relevantes.

Ainda o voto de congratulação dos 50 professores do Liceu, proposto por um homem de posição distinguida nesta nossa e sua terra, o Dr. Francisco de Assis Ferreira da Maia.

E' o dia de hoje, de concurso e manifestação, desde o preclaro e querido Bispo e do seu respeitado Clero, das distintas autoridades que cumprimento no digno Governador Civil, de prestimosas associações, colectividades e corporações, de tantas figuras sociais, a que não falta o requinte da presença feminina, até ao povo, simples mas magnífico, autêntico de virtudes cívicas, esse povo com quem sempre me encontrei e ele comigo, ele que na sua humildade sabe ser o guardião destemido das mais caras tradições aveirenses, ele que encontrou na liberdade o culto da disciplina, sentindo-se, por isso, com o direito de ver-se respeitado nas suas crenças, nos seus ideais, no seu carácter, numa palavra, na sua consciência política — produto da sua independência moral.

Mais ainda: quiseram a Câmara Municipal e a Comissão Popular, de que foi alma o homem excelente e amigo devotado Francisco Gonçalves Andias, vibrátil a tudo o que fale de Aveiro, que a esta sessão viessem depor, como se não bastasse a palavra elegante e fluente de um dos grandes da oratória portuguesa contemporânea — o Dr. Alberto Souto — o Dr. Luís Regala, espírito de rara sensibilidade, advogado, poeta e escritor consagrado, o Dr. José Marques da Graça, médico distinto e o Desembargador Dr. Jaime de Melo Freitas — um magistrado de atitudes apromadas e de inteligência aguda que muito acrescentou o nome já de si ilustre de seu pai — aveirense prestante.

Também a presença de tantas figuras destacadas na vida política, social, económica e do trabalho do Distrito.

Finalmente, as artísticas peças que acompanham a Medalha de Ouro — no seu simbolismo mercê máxima, desvanecedora mais ainda por ser a segunda que é concedida e por da primeira ser titular o Dr. Álvaro Sampaio, figura que, para os aveirenses, não carece de qualquer adjectivação; e a dádiva em dinheiro para fins de assistência, prémio demasiado para quem não fez quanto desejaria em favor dos carecidos de protecção que acorriam ao Governo Civil e ali algum amparo encontravam, bem como em favor de todos os que necessitavam de apoio para suas legítimas aspirações pessoais, a uns e outros sempre abertas as portas, uns e outros — e foram centenas — tratados com a simpatia e compreensão peculiar ao sentido cristão e democrata de fazer, que marca as relações sociais na nossa terra.

Tal importância — desde já torno público — destino-a à construção de casas do Património dos Pobres, obra que tanto interessou o meu coração e que tive o grato ensejo de impulsionar aqui e em diferentes terras do Distrito, com subsídios extraordinários solicitados ao Governo e a favor da qual igualmente reverteu a maior parte do que me foi oferecido na homenagem com que me distinguiram no primeiro aniversário da minha posse.

Tudo isto, faz sem dúvida destruir a tese de ser pronto o esquecimento na vida política.

Como agradecer tanto? Não se retribuem benefícios que se avantajam aos méritos pessoais. E é tal o caso presente.

Na verdade, que fiz, já não digo que justifique, mas que explique este alvoroço?

Reconstituamos em rápidas palavras, esse período em que foi desempenhado tão elevado cargo, para que se possa ser mais equitativo.

★

Não aceitei ser Governador Civil por vaidade ou por ambição económica. Se essas fossem as determinantes da minha resolução, teria anuído a convites anteriores para outros distritos. Respondi ao chamamento, para Aveiro, do Dr. Trigo de Negreiros — estadista e político de grande classe, com uma obra realizada — por ter criado a convicção de que as relações e os contactos que em Lisboa estabelecera com os governantes, no decurso de mais de 15 anos de actividade oficial e profissional, me dariam a possibilidade de, colocado em tão altas funções, pô-los, com vantagem, ao serviço da minha terra.

Formulei como propósitos da minha acção:

a) interessar o Governo, em larga medida, nos nossos problemas, fazendo-lhe sentir ser o Distrito, económica e socialmente, dos mais evoluídos, com notável capacidade de crescimento, tal o o poder de empreendimento das suas populações, e exigir, assim, do Governo, esforço sério, por forma a evitar desequilíbrios entre a iniciativa privada e a estadual;

b) fazer aceitar pelos ministros o princípio de que tomaria posição sobre todos os assuntos, fosse qual fosse a sua natureza;

c) orientar a condução dos negócios políticos tanto quanto possível de acordo com as ideias dominantes na região e com a maneira de ser do nosso povo, tendo em vista o robustecer da posição do Regime.

Quanto ao primeiro ponto:

Manda a verdade declarar que o Governo correspondeu aos apelos que lhe foram dirigidos, pois dispensou o maior concurso às nossas coisas, equacionando e resolvendo problemas de alto interesse a cadência a que se não estava habituado. Alguns deles tiveram pronta concretização; outros acham-se em franco andamento e ainda outros começaram já a ser projectados. Assim, na cidade e no Distrito, à excepção de um ou outro Concelho cujos chefes, talvez por questão de prestígio pessoal, não desejaram a intervenção directa do Chefe do Distrito nos seus assuntos, ao contrário do que aconteceu na maioria deles, notável surto de realizações — no plano assistencial, educativo, de comunicações e de melhoramentos de toda a ordem — se registou, incluindo nelas alguns dos problemas que representavam velhas e prementes necessidades locais, até com projecção na vida económica do País.

★

Em matéria de comunicações rodoviárias foi-se até ao ponto de elaborar exaustivo plano de conjunto, o qual foi depois objecto de repetidas conversas com o Ministro Arantes e Oliveira — estadista dos mais notáveis deste século e que, por seus serviços ao Distrito, tem direito a grande homenagem, que me permito sugerir.

Na apreciação desse estudo assentou-se em dar prioridade às comunicações da região nordeste do Distrito, obras já em franco andamento; à ponte da Torreira, aspiração centenária e posta agora a concurso para adjudicação; e à estrada Aveiro-Murtosa, pela foz do Vouga, cujo primeiro troço ainda talvez no ano corrente seja posto a concurso, estrada esta que vai converter em realidade a pista náutica no Rio Novo do Príncipe.

Esforço notável, repito. Mas esforço do Governo. Para ele, só posso ter concorrido com acção de presença — persistente, teimosa, se assim o quiserem — junto dos ministros ilustres com quem tive o prazer de trabalhar e me distinguiram com amizade que permitiu insistências, de outra forma irreverentes. Para tanto fiz como que dois Governos Civis: um em Lisboa e outro em Aveiro. Isso me custou, é certo, o sacrifício total de qualquer licença durante cinco anos. Foi, no entanto, mero problema de resistência física, que agradeço a Deus. Não há mérito no sucesso.

★

Quanto ao segundo ponto:

De todos é sabido que foram cerceados, em larga medida, os poderes dos Governadores Civis. Os ministros passaram a ser, no domínio das suas pastas, os verdadeiros orientadores e executores.

Erro grave. O ordenamento ao nível nacional, como é mister que seja, deve, no pormenor, consentir certo grau de adaptação ao regional, tanto na ordem política e burocrática como na ordem social, económica e de melhoramentos. Falta, porém, aos ministros, a receptividade própria da vivência gerada no contacto próximo, pelo que ao Governador Civil deve caber esse papel, embora isso o obrigue a responsabilidades e trabalhos de bem maior vulto.

Dentro desse pensamento, esforcei-me por estabelecer colaboração lata com os ministros. E fui bem sucedido na maioria dos departamentos do Estado, com manifesta vantagem. Mas a virtude cabe aos seus respectivos titulares, que revelaram a maior compreensão.

★

Por outro lado, à colaboração, à amizade e à boa vontade de muitos, em Aveiro e no Distrito, se fica a dever a obra realizada. Saliento a acção das câmaras municipais, dos organismos de assistência, dos serviços do Estado no Distrito, da União Nacional, dos deputados. Dezenas e dezenas de autênticos valores que usaram da maior generosidade para comigo. Gostaria de lhes referir, ao menos, o nome — se a lista não fosse tão extensa. Assim, limito-me a uma saudação genérica, de que deixo depositários: em relação aos primeiros, o ilustre presidente da Câmara de Aveiro; aos segundos, o distinto causídico Dr. Fernando Moreira; aos terceiros, esse exemplar servidor do Estado que é o Eng.º Cunha Amaral; e aos últimos, União Nacional e deputados, o Coronel Gaspar Ferreira, figura de elevado recorte político e, pela sua obra na presidência da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, de quase 3 décadas, um dos propulsionadores do desenvolvimento da nossa cidade.

★

Finalmente, a orientação política:

Sou de Aveiro e aqui me eduquei. Conhecia assim perfeitamente a terra e o seu povo, bem como as terras e as populações do Distrito. Ninguém ignora ser ele permeável a todas as correntes de opinião, dada a sua evolução e o seu elevado nível social. Mas há um ideal que predomina, sobretudo na zona ribeirinha: o ideal da liberdade. Para a maioria dos aveirenses, depois da saúde, que agradecem a Deus, a liberdade é o maior bem de que podem usufruir. Sabendo ser assim, era questão de consciência integrar a actuação política ao gosto local, tanto mais aceitando, como aceito, que só dessa maneira o Regime pode alargar-se e consolidar-se.

Assim, segui essa orientação, embora enfrentando incompreensões, sem dúvida devidas à obliteração que a segurança do dia de hoje faz criar e tem a sua raiz na forte personalidade e inegualável prestígio do Chefe do Regime — Homem extraordinário, mas sujeito como todos à lei geral.

Graças ao clima político gradualmente criado dentro daquela orientação, foi possível manter Aveiro, no período conturbado da eleição presidencial de 1958, em perfeita normalidade, o que foi causa de espanto em todo o País! Concedeu-se, então, liberdade plena; fez-se questão de manter a força armada alheia à vicissitude política, como convém e o exige o seu prestígio. Era um ensaio, feito no momento mais difícil da vida do Regime. Tudo correu, apesar disso, em impressionante ordem, respeito, compostura. Nem para um dito mais contundente houve ambiente. Deu o nosso povo magnífica lição de civismo. Demonstrou que sabe usar da liberdade sem dela abusar. Alto exemplo, ainda há pouco recordado pelo «Litoral». E revelou o acto eleitoral, rodeado de decência, que da orientação seguida foi o Regime o único, o grande beneficiário. Lamentou o Sr. Presidente do Conselho, no seu discurso de 30 de Junho, logo após a eleição, que se não tivesse criado entre as forças situacionistas a consciência da vitória. Em Aveiro foi diferente. Realizou-se até grandioso almoço de confraternização, a que veio presidir — e nele proferiu discurso que deu brado — o Conselheiro Albino dos Reis — figura primeira do Distrito e proeminente da Nação, a quem tanto e tão amigo apoio fiquei a dever.

Ter podido exercer o cargo de Governador Civil, sem desrespeitar a grande tradição aveirense, representou para mim o maior prémio. E' evidente que assim não podia ter acontecido se o então e ilustre Ministro do Interior — e especialmente o Chefe indiscutível do Regime, que em muitos casos foi prèviamente consultado — não tivessem dado o seu assentimento. Vai para Suas Ex.as o melhor agradecimento.

Como manifestar o meu reconhecimento? Impossível!

Mas, se alguma coisa pode servir de princípio de retribuição, seja o dom que faço ao meu povo do melhor do meu afecto e a promessa de que esse que é um de vós, um igual a todos, preso pelo coração à sorte das nossas terras e das nossas gentes, há-de sempre acompanhar-vos na medida das suas parcas possibilidades nas horas boas como nas más.

Para além desta modesta retribuição fica o estendal de tudo quanto de vós recebi, a falar por si da vossa ilimitada generosidade.

Viva Aveiro!

A encerrar a brilhante sessão, o sr. Dr. Jaime Ferreira da

Continua na página 5

A homenagem ao DR. VALE GUIMARÃES

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

geado; e Francisco Gonçalves Andias, da comissão popular da homenagem. Em lugar de honra, tomou assento o sr. D. Domingos da Apresentação Fernandes, Bispo da Diocese.

Aberta a sessão, usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. Dr. Alberto Souto, que recordou a petição subscrita por centenas de aveirenses, entre os quais muitos dos mais desta-

O Dr. Vale Guimarães, visto por Amílcar Torres

cados e representativos do meio social citadino e concelhio, para que fosse concedida ao sr. Dr. Vale Guimarães a «Medalha de Ouro da Cidade».

Com o brilho e elevação que lhe são peculiares, o sr. Presidente da Câmara traçou depois o perfil do homenageado, de quem disse:

> Razoável e compreensivo, bondoso e tolerante, incansável e activíssimo, ele é um dos nossos mais distintos conterrâneos, pela sua ilustração e seus talentos, pelo exemplar, indefectível e acrisolado amor que tem a *isto*, a *isto* em que estamos, a *isto* que nos cerca, a *isto* em que nós vivemos e em nós vive, e que há-de viver nos nossos filhos e reviver nas gerações no decorrer dos séculos, dos milénios, do infinito da nacionalidade e da humanidade, e que há-de ser sempre belo e amado; e *isto* é Aveiro e os seus confins — é a nossa terra!

O orador pediu depois ao pai do homenageado, cujas qualidades também evidenciou, que colocasse ao peito do sr. Dr. Vale Guimarães a medalha que lhe fora atribuída. O acto foi prolongadamente sublinhado com uma estrondosa ovação.

Em nome da comissão popular, falou seguidamente o sr. Dr. Luís Regala. Num vibrante e brilhante discurso, o ilustre causídico e inspirado poeta pôs em destaque as virtudes e méritos do sr. Dr. Vale Guimarães, relevando a sua acção «excepcionalmente prestimosa em benefício do progresso moral e material de Aveiro».

Depois, por entre quentes aplausos, fez entrega ao homenageado: de uma artística placa de prata, encimada pelo brazão da cidade, na qual se transcreve a parte da acta da sessão camarária em que se refere a concessão da «Medalha de Ouro»; e ainda uma avultada quantia em dinheiro, destinada a fins assistenciais, que foi remanescente da subscrição aberta para aquisição da benesse concedida pela Câmara.

Pondo também em relevo os predicados morais e intelectuais do sr. Dr. Vale Guimarães e a sua proveitosa actividade em benefício do Concelho, falou, em seguida, com muita elevação, em nome das populações rurais, o sr. Dr. José Marques da Graça, antigo Presidente da Junta de Freguesia de Eixo.

Pelos aveirenses amigos e admiradores do homenageado, usou depois da palavra o sr. Desembargador Jaime Dagoberto de Melo Freitas, filho ilustre de um outro ilustre aveirense, que foi o saudoso Dr. Joaquim de Melo Freitas.

Eis a sua significativa oração:

Senhor Governador Civil
Ex.mas Autoridades
Senhor Dr. Francisco José do Vale Guimarães
Senhoras e Senhores

Excelência Reverendíssima,
Senhor D. Domingos:

Com profunda consideração e deveras cativado pela extrema gentileza de V. Ex.ª para comigo, num caso que ocorreu, cordialmente lhe desejo longos anos de vida e de alegrias.

Oxalá que V.ª Ex.ª possa sentir-se satisfeito por ser Prelado nesta Diocese.

Senhor Governador Civil:

Precedendo a leitura das palavras que escrevi para este acto, cumpre-me apresentar a V.ª Ex.ª muito respeitosas saudações.

Faço votos por que, no desempenho do seu elevado cargo, V.ª Ex.ª encontre sobejos motivos de grande contentamento.

Que seria de nós, se nos faltasse a esclarecida boa vontade e o apoio das competentes instâncias superiores?

Não nos considerem um pouco esquivos, nem ingratos e injustos.

Qual o aveirense digno desse nome que, por exemplo, pudesse ignorar, esquecer ou diminuir a magnitude, o alcance e o significado político das obras e melhoramentos do nosso porto?

Nesta certeza, — tudo quanto V.ª Ex.ª consiga em benefício de Aveiro, Aveiro saberá reconhecê-lo!

Senhoras e Senhores:

Aqui me encontro, e agora já não tem remédio! Que se pretende de mim, e em que se confiou? Foi, talvez, um grande erro...

¿Falar «em nome dos aveirenses amigos e admiradores do sr. Dr. Vale Guimarães»? Rectifico a suposição: os meus fracos ombros não suportariam tamanho encargo. Mais modesto e ajustado papel me caberá.

Aveirense amigo e admirador sincero eu o sou, de facto, e espero não atraiçoar o que devo ao homenageado e a mim próprio.

Fora e acima de particularismos políticos, apresento-me com simplicidade, *naquele jeito*, muito aveirense, *de não ter jeito*, nem propensão, para aplaudir indiscriminadamente e fazer coro, mas sempre disposto a associar-me a solenes louvores que se mereçam e a manifestar gratidão que seja devida.

Veremos, pois, com o mérito de independência e imparcialidade, as palavras que posso dedicar, neste momento, ao sr. Dr. Vale Guimarães.

Nem de mais nem de menos...

Sem excessos, porque já ouvi chamar ao exagero a mentira das pessoas honestas; e sem omissões, porque nos depoimentos deve reflectir-se só a *verdade* e *toda a verdade*.

O poeta Dr. António Ferreira (século XVI) aventou:

> «A medo vivo, a medo escrevo e falo,
> hei medo do que falo só comigo,
> mas inda a medo cuido, a medo falo...»

Sua Santidade João XXIII, porém, em sessão de 26 de Janeiro último do Sínodo Romano, disse que «saber calar-se e saber falar a tempo é sinal de grande sabedoria e perfeição».

Parece-me, pois, que nesta matéria tudo depende de medida apropriada e justa.

Haverá quem persista em atribuir aos aveirenses *uma fraca fama*? Não a merecemos!

As honrosas tradições de que Aveiro se orgulha, as tradições autênticas, vistas no seu verdadeiro significado e não desfiguradas por contraditores, nem por maus adeptos, e a exacta definição da índole compreensiva, tolerante e generosa da nossa cartilha cívica, devem procurar-se e analisar-se no seguro abrigo de corações puros.

Da fidelidade a tais tradições e a tal cartilha não há-de resultar mal algum ao mundo!

Pacíficos, sonhadores inofensivos — as nossas lutas decorrem, apenas, no recôndito da consciência, em demanda de um rumo.

Afeiçoados a esta pacatez congénita, quão pouco valeríamos, porém, se parecessemos simples motéia em decomposição, amolecida e sem estremecimentos nem quaisquer ânsias de sobreviver. Direi por outro modo: se não tivéssemos personalidade nem firmeza de carácter!

Reconhecemos e pagamos as nossas dívidas, sem nos servirmos de moeda falsa!

Consola-me que, no «Jornal de Notícias» de 12 de Abril último, «Gil da Beira» haja escrito: «Aveiro é uma terra com alma — a alma da sua nobre gente, espelhada em todas as suas belas coisas!»

Sou dos que não desejam aventuras, — de qualquer lado que viessem! — e não cultivo ilusões e pensamentos reservados: sinto-me livre. Posso estar com todos, ou contra todos, conforme aquilo de que se trate e as razões.

Neste acto solene, tenho o despretencioso e singelo propósito de fazer a apologia de *virtudes cívicas aveirenses* que, consubstanciados na pessoa do sr. Dr. Francisco José do Vale Guimarães, ùtilmente foram postas ao serviço da causa pública, com inexcedível zelo e muita isenção.

Perdoe-se-me, entretanto, se necessário for, a humana fraqueza de, em tal capítulo, não deixar por mãos alheias os nossos créditos!...

Há umas dezenas de anos, um senhor Conservador do Registo Predial (substituto do Juiz de Direito) declarou-me, quanto a actividades suas junto de jurados criminais da comarca: «Sendo de conveniência política, não conheço escrúpulos!»

Além do mais, no meu conceito esta afirmação revela profundo e pernicioso equívoco acerca de *conveniências políticas*.

Quando da guerra de 1914, a Alemanha disse que «só respeitava tratados sendo da sua conveniência», ao que a Inglaterra retorquiu que «tentaria demonstrar-lhe que era da sua conveniência respeitar os tratados».

Por semelhança, devendo a política inspirar-se e assentar em princípios da maior elevação e nobreza e equivalendo o seu programa básico a um compromisso d'honra, não terá conveniência em que escrupulosamente se respeitem esses princípios? Poder-se-ia postergá-los sem aluir os alicerces da estrutura?

Não haja enganos! A quebra dos princípios necessàriamente envolveria contradição e descrédito, só aproveitando, quando muito, a quem, à sombra da política a que se encostasse, mas desvirtuando-a, agisse *pro domo sua, non pro bono publico*...

Dito isto, resta apreciar, em síntese, o comportamento do sr. Dr. Vale Guimarães, como Governador Civil, que foi, deste distrito.

Haverá, ou não, prestigiado a política ao serviço da qual se encontrou?

Entendo que sim!

Guerra Junqueiro disse: «O meu amor à Pátria começa nas amizades do meu corpo ao ar que respiro, à água que bebo, ao pão que me alimenta, ao fruto que desejo, à flor que me embalsama, à luz que me deslumbra. Depois, vem o amor à minha casa, desde os avós aos netos, dos berços aos sepulcros. Depois, o amor à minha aldeia, — choupanas e cavadores, a igreja de Deus ao centro e o cemitério ao lado. Depois, o amor à província, à região, à Pátria toda, aos mortos, aos vivos e aos vindouros.»

Outro não será, por certo, o amor do sr. Dr. Vale Guimarães à sua e nossa Pátria, à sua e nossa muito querida terra natal!

De Aveiro recebeu inspiração, em Aveiro se moldou segundo o nosso estilo.

Sem o ar que tem respirado e lhe deu vida, sem as águas da ria, sem a maravilhosa luz do nosso céu, sem todo este ambiente, com suas tradições e altos exemplos de civismo, o Dr. Vale Guimarães não seria, não poderia ser, creio eu, a mesma pessoa!

Modesto e afável, coração sensível e generoso, sincero e desinteressado, pronto a servir sem desfalecimento, como serviu, a sua terra e o distrito.

Ao subir as escadas do Governo Civil d'Aveiro, tinha, sem dúvida, muitos amigos, mas ao descê-las, deixando o cargo, muito mais amigos ficou tendo. Devia-se-lhe esse prémio.

Sua Ex.ª, na despedida, aludiu ao facto de nunca haver esquecido o clima político peculiar da região aveirense, ou seja o sentido das suas mais altas tradições, que são a bondade, a tolerância e a liberdade, e declarou que, na sua própria formação política, profunda influência exerceu, entre outros factores, a qualidade de aveirense.

A propósito do agitado período de Maio e Junho de 1958, lembrou que em Aveiro e todo o seu distrito se mantivera impressionante clima de paz, de serenidade, de respeito, de confiança e de humana compreensão, do que a actual situação foi a única beneficiária.

As eloquentes palavras desse sr. Governador Civil por tal modo o definem e tanto o honram, que pouco se poderá acrescentar-lhes!

Aqui costuma haver paz, não uma paz armada mas aquela a que aludiu S. Santidade João XXIII: «tranquilidade com liberdade». *Pax est tranquila libertas*, escreveu Cícero.

Difícil problema, esse da liberdade? Sem dúvida, mas entre nós, aveirenses, um pouco menos difícil, penso eu, porque não alimentamos conflitos profundos, sabemos compreender-nos e reciprocamente nos respeitamos e estimamos.

Assim nos educaram, assim se educou o sr. Dr. Vale Guimarães.

Alguns, vindos de fora, nada haverão aprendido connosco? Deixo a esses outros a resposta...

Em sessão solene de homenagem à memória do Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal, V.ª Ex.ª, sr. Dr. Vale Guimarães, reconheceu que *José Estêvão foi um grande aveirense*; e o ilustre pai de V.ª Ex.ª, sr. Dr. Querubim do Vale Guimarães, no «Litoral», tem sustentado que *Aveiro não esquece o que deve a Homem Cristo*.

Singular terra! — esta em que nascemos. Há outras onde alguns nomes não podem, sequer, ser pronunciados sem que certos senhores muito se aborreçam...

Aqui é diferente, e aqueles insuspeitos testemunhos, modelo de isenção, muito nobilitam quem os deu!

Casa de pais, escola de filhos...

Parece que na China se usava homenagear na pessoa dos progenitores os méritos e virtudes dos filhos.

Portanto, que o meu bom amigo sr. Dr. Querubim Guimarães se digne receber hoje, *pelos seus direitos de autor*, o quinhão que lhe pertence na homenagem que se presta.

O nosso povo é religioso, sem fanatismo; é ordeiro e respeitador, sem subserviência e rebaixamento; é amável e sabe mostrar-se agradecido, sem hipocrisia.

No dizer de Alexandre Herculano, a hipocrisia é, de todos os frutos da perversão humana, o que mais severamente foi condenado pelo divino fundador do Cristianismo.

O Padre António Vieira ensina que não há mais que dois géneros de gente neste mundo: bons e maus; e que só o que está dentro de nós, o vício ou a virtude, nos pode distinguir intrínseca e verdadeiramente, tudo o mais sendo coisas que ficam de fora, porventura mudando as aparências mas não distinguindo as pessoas.

Revelando-se tal qual é, o sr. Dr. Vale Guimarães muito subiu no conceito público geral.

Se pudessemos aceitar a cínica filosofia de que existem apenas *tolos* e *marotos*, sendo tolos os que não se adaptassem a determinadas regras de insinceridade e oportunismo, — honra seja feita ao sr. Dr. Vale Guimarães: não teria lugar entre os segundos.

Passemos adiante...

Habituei-me a encarar de frente as dificuldades, e é desta forma que me sinto seguro e senhor de mim.

Como não invoco procuração seja de quem for, ninguém quererá dizer que me faltam poderes bastantes para exprimir alheios modos de pensar.

Espontâneamente sairei eu, porém,

Continua na página 9

O actual Chefe do Distrito, Dr. Jaime Ferreira da Silva, falando na sessão solene. À sua direita, o homenageado; à esquerda o Presidente do Município